



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

RICARDO ÂNGELO DE ANDRADE SOUZA

**AFETIVIDADE DE ADOLESCENTES PRATICANTES DE  
ATIVIDADES ESPORTIVAS COM RELAÇÃO AO SEU BAIRRO**

FORTALEZA

2008

RICARDO ÂNGELO DE ANDRADE SOUZA

**AFETIVIDADE DE ADOLESCENTES PRATICANTES DE  
ATIVIDADES ESPORTIVAS COM RELAÇÃO AO SEU BAIRRO**

Dissertação submetida à banca examinadora da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Subjetividades Contemporâneas e Comportamento Coletivo  
Sub-linha: Psicologia Histórico-Cultural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

FORTALEZA

2008

"*Lecturis saltem*"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S718a

Souza, Ricardo Ângelo de Andrade.

Afetividade de adolescentes praticantes de atividades esportivas com relação ao seu bairro / por Ricardo Ângelo de Andrade Souza. – 2008.

91f. : il.; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 30/09/2008.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

Inclui bibliografia.

1-EMOÇÕES NOS ADOLESCENTES. 2-ADOLESCENTES – BARRA DO CEARÁ (FORTALEZA,CE) – PSICOLOGIA. 3-ESPORTES – BARRA DO CEARÁ (FORTALEZA,CE) – ASPECTOS PSICOLÓGICOS. 4-PSICOLOGIA AMBIENTAL – BARRA DO CEARÁ (FORTALEZA,CE). I- Bomfim, Zulmira Áurea Cruz, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III- Título.

CDD(22<sup>a</sup> ed.) 796.01

86/09

RICARDO ÂNGELO DE ANDRADE SOUZA

**AFETIVIDADE DE ADOLESCENTES PRATICANTES DE ATIVIDADES  
ESPORTIVAS COM RELAÇÃO AO SEU BAIRRO**

Dissertação submetida à banca examinadora da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 30 / 09 / 2008

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)

---

Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino

---

Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves

Rodrigo

Fará de minha força a sua.

E verá minha vida através de seus olhos.

Assim como a sua será vista através dos meus.

Mas que os caminhos sejam seus.

Terás meu apoio.

Minha amizade.

Meu amor.

Perpétua

Um dia disse que surgiam flores do asfalto.

Eis aqui a prova disso.

Elas aparecem mesmo que não acreditem.

Assim como o amor que não se acredita que  
um dia possa surgir.

Mas surge, brotando do asfalto.

Radiante para vida.

Sempre.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder a oportunidade de caminhar pelas mais diversas estradas e de ter a certeza que em todas eu fui abençoado.

À meu pai por ensinar a ver as coisas belas da vida. À minha mãe por mostrar garra e determinação na busca por seus objetivos. Obrigado aos dois por fazerem de mim um sensível, esperançoso e teimoso filho.

A Leíria que acolheu a mim e meu irmão com todo empenho e dedicação.

À minha avó Ângela que forjou o homem de princípios, um exemplo de mulher.

Aos meus irmãos, tenham a certeza de que estarei sempre do lado de vocês. Em especial ao Roberto, companheiro de alegrias e tristezas, meu amigo, irmão.

Aos professores de mestrado, que reencontrei nesta casa, meu profundo respeito e agradecimento e a certeza que tenho que ter humildade em buscar os exemplos que me foram dados.

À minha orientadora professora Zulmira Bonfim, que com sua paciência me deu tranquilidade para persistir em minha trilha apesar dos obstáculos que surgiram. À sua compreensão e cuidado, me mostrando o quanto tenho que melhorar e por isso sou eternamente grato.

Aos amigos do LOCUS – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental da UFC, pelo apoio e doação em abrirem as portas e livros para que eu pudesse aprender um pouco de tudo que vocês tem construído.

Ao meu professor, amigo e colega Orozimbo Leão, que compartilhou um pouco de sua história na Psicologia do Esporte, foi e é meu mestre, obrigado meu grande amigo, aqui reside muito de você.

Aos meus colegas da FIC – Faculdade Integrada do Ceará por me ajudarem quando precisei.

Aos meus alunos que tem dado apoio e a certeza de que estou no caminho certo. Espero que possa lhes orientar assim como eu fui.

Ao meu aluno e amigo Esdras pelo apoio, incentivo e ensinamentos que tem me proporcionado.

Ao professor Francelino que acreditou em mim nos primeiros passos na docência a qual espero um dia exercer com a mesma dedicação e competência.

Ao professor Cássio, que mostrou o que acredito ser um exemplo de docência, carismático, procurando estreitar as relações com seus alunos sem perder sua autoridade e demonstrando muito profissionalismo, na busca incessante por mais conhecimento.

Ao Luis Lacerda, colega dos corredores da Faculdade de Psicologia, ontem meu colega hoje meu professor e amigo. Obrigado pela ajuda.

A ARCA – Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes, por permitirem que pudesse chegar ao final de minha jornada e em especial ao Dodô que é exemplo vivo do que acredito ser o objetivo de uma prática esportiva para crianças e adolescentes.

Ao Jean, que tem sido um bom companheiro o que me coloca o cuidado de mostrar sempre bons exemplos para que você possa seguir.

Ao meu filho Rodrigo, meu melhor amigo, meu camarada, sei que sua forma de encarar a vida na sua meninice, sempre alegre; na sua forma de compreender, de aceitar as minhas decisões foram fundamentais para que pudesse ter tranquilidade em seguir adiante. A minha mulher Perpétua, você chegou quando precisei, acompanhou meus tropeços, meus acertos. Quando eu desmontava você ia lá e me levantava. Por isso tenho que ser grande, à altura do amor que sinto. Conduza-me que não existirá caminho, estrada que me impeçam de seguir adiante, pois meu amor sempre me guiará.

## RESUMO

O esporte e/ou as atividades esportivas como um todo deveriam ser vistos não somente como possibilidade de melhora de condições sócio-econômicas, mas também, como instrumentos geradores de afetos potencializadores na relação pessoa-ambiente. Para a realização desta pesquisa foi utilizado o instrumento gerador do Mapa afetivo (BOMFIM, 2003) que possibilita ao investigador analisar como os afetos surgem na relação sujeito-esporte-ambiente. A pesquisa utilizou-se de um censo constituído por 19 adolescentes na faixa etária de 12 à 17 anos de idade, praticantes de atividades esportivas e que freqüentam uma ONG (Organização-Não-Governamental) chamada ARCA (Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes). Neste sentido, o eixo de minha dissertação foi procurar verificar como o esporte surge no bairro, a partir do instrumento do mapa afetivo (BOMFIM, 2003), por adolescentes praticantes de atividades esportivas sistemáticas. Foi analisada a vivência esportiva relacionada ao bairro por intermédio do eixo da afetividade. Para tanto, esse conceito foi enfocado dentro de um posicionamento fundamentado em Lane e Sawaia (1994), Sawaia (2000, 2004), e também na psicologia do esporte (SAMULSKI 2002; WEINBERG & GOULD, 2001). Como resultado da pesquisa observou-se que a maior parte dos entrevistados sugeriu tanto na parte qualitativa quanto na escala likert dos mapas afetivos, imagens de contraste, agradabilidade, pertinência e destruição. Sendo que em ambas as análises a imagem de contrastes obteve uma maior média segundo a estatística descritiva. Os resultados indicam que o esporte mesmo sendo citado em imagens contrastantes está vinculado com estima positiva, pois na análise qualitativa dos mapas afetivos, percebe-se que estas práticas surgem em contraposição aos aspectos negativos relacionados ao bairro, tais como violência, drogas, e poluição. Além disso, as freqüências obtidas na escala Likert de imagens de agradabilidade e pertinência sugerem que a prática esportiva também pode ser geradora de outros afetos positivos em relação ao bairro. Dessa forma, foi verificado que o esporte como um todo tem a possibilidade de levar os adolescentes não somente ao lugar mais alto de um pódio, mas sim à uma melhora na relação com seu local de moradia, ajudando a estabelecer novos vínculos e novas possibilidades diante do horizonte que se abre a sua volta, e que a Psicologia, mais especificamente a Psicologia Ambiental também pode ajudar nesse caminho, nesse desafio, nesse novo ambiente que seria o esporte.

**Palavras-chave:** Mapa Afetivo. Psicologia do Esporte. Psicologia Ambiental.



## ABSTRACT

Sport and/or sportive activities as a whole should be accepted not only as a possibility of improving socio-economic conditions, but also as instruments that trigger ever-increasing affects within individual-object relationship. Affective map (BOMFIM, 2003) was the instrument this study used to analyze how affects arise in individual-sport-environment relationship. The research used a survey of nineteen 12-to-17 years-old teenagers who practice sportive activities and attend to a NGO (non governmental organization) named ARCA (Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes). Therefore, the sense of this study was verifying how sport arises at the neighborhood, through Affective map, gathering information from teenagers who practice systematic sportive activities. The work focused sportive experience related to the neighborhood from affective axe. Thus, such concept was theoretically based on Lane and Sawaia (1994), Sawaia (2000, 2004), and also on Sport psychology (SAMULSKI 2002; WEINBERG & GOULD, 2001). As results, the research found that the most part of teenagers suggested both in qualitatively part and in Likert scale of affective maps, contrasts images, pleasure, pertinence and destruction. In both analyses the contrasts image showed the highest mean according to descriptive statistics. Findings are evidence that sport, even quoted in constrasting images, is entailed to positive esteem, since qualitative analysis of affective maps points that such practices arise as counterparts of negative aspects concerning to the neighborhood as violence, drugs and pollution. Besides, frequencies obtained with Likert scale of pleasure and pertinence suggest that sportive practice can generate other positive affects related to the neighborhood. Hence, the study stresses that sport as a whole can lead teens not only to the highest place of a podium, but also to an improvement in the relationship with their place of living, aiding to establish new possibilities within the new horizon opened around them. Still, psychology, specifically Environmental Psychology, can also help in this way, this challenge, this new environment that sport represents.

Keywords: Affective map. Sport Psychology. Environmental Psychology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 15 anos. Fortaleza, 2008.....	45
Figura 2 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 16 anos. Fortaleza, 2008.....	45
Figura 3 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 14 anos. Fortaleza, 2008.....	46
Figura 4 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 12 anos. Fortaleza, 2008.....	47
Figura 5 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 17 anos. Fortaleza, 2008.....	48
Figura 6 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 15 anos. Fortaleza, 2008.....	49
Figura 7 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 13 anos. Fortaleza, 2008.....	50
Figura 8 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 14 anos. Fortaleza, 2008.....	50
Figura 9 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 17 anos. Fortaleza, 2008.....	51
Gráfico 1 - Frequência das imagens do bairro por idade de jovens que praticam esporte, participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.....	52
Gráfico 2 - Média das imagens do bairro por jovens que praticam esporte, participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008. ....	53
Gráfico 3 - Estima do bairro de moradia por sexo de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008. ....	55
Quadro 1 - Jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Barra do Ceará, Fortaleza, 2008. ....	42
Quadro 2 - Imagens, qualidades e sentimentos do bairro de moradia atribuídos por jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008. ....	43

Quadro 3 - Imagens de contraste de jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008.....	44
Quadro 4 - Métáforas que remetem a imagens de agradabilidade de jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008.....	48
Quadro 5 - Estatística Descritiva dos dados da escala Likert extraída de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.....	54
Quadro 6 - Estatística dos dados da escala Likert referente a afetos para com o bairro de moradia, conforme o sexo. Dados de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008. ....	54

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 PSICOLOGIA DO ESPORTE</b> .....	<b>17</b>
<b>1.1 Esporte moderno e cidadania</b> .....	<b>19</b>
<b>1.2 O adolescente e o esporte</b> .....	<b>22</b>
<b>1.3 Juventude e subjetividade no mundo moderno</b> .....	<b>23</b>
<b>2 PSICOLOGIA AMBIENTAL</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1 Relação sujeito-ambiente</b> .....	<b>26</b>
<b>2.2 Afetividade, apego e apropriação do espaço</b> .....	<b>29</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>34</b>
<b>3.1 Área geográfica de estudo</b> .....	<b>34</b>
<b>3.2 Sujeitos do estudo</b> .....	<b>34</b>
<b>3.3 Coleta dos dados</b> .....	<b>35</b>
<b>3.4 Instrumento para coleta de dados</b> .....	<b>35</b>
3.4.1 Desenho .....	36
3.4.2 Sentimentos .....	37
3.4.3 Palavras – sínteses .....	37
3.4.4 O que pensa do bairro .....	37
3.4.5 Comparação do bairro .....	38
3.4.6 Categorias da escala Likert.....	38
3.4.7 Caminhos percorridos .....	39
3.4.8 Lugar representativo do bairro .....	39
3.4.9 Apreciação ao bairro .....	39
3.4.10 O que poderia melhorar neste bairro.....	39
3.4.11 Características sócio-demográficas.....	39
<b>3.5 Análise dos dados</b> .....	<b>40</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>42</b>
<b>4.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa</b> .....	<b>42</b>
<b>4.2 Imagens de jovens surfistas entre qualidades e sentimentos</b> .....	<b>43</b>
<b>4.3 Imagens de jovens surfistas entre metáforas e significados</b> .....	<b>44</b>

4.3.1 A imagem de contraste.....	44
4.3.2 Imagem de agradabilidade .....	48
4.3.3 Imagem de destruição .....	51
<b>4.4 Análise estatística complementar .....</b>	<b>52</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse em trabalhar na área da Psicologia que aborda os fenômenos esportivos e exercícios físicos como um todo, nasceu das minhas vivências como atleta, como praticante de artes-marciais, mais especificamente judô e jiu-jitsu. Sou psicólogo formado pela Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 1997, fiz também o curso de Especialização em Psicologia do Esporte e já atuo nesta área há dez anos.

Nestas experiências, participando de campeonatos locais, deparei-me com situações vivenciadas por atletas: níveis de ansiedade elevados, agressividade exagerada, deficiência na atenção, entre outros comportamentos observados. Neste sentido, pela prática docente e atuação na área de psicologia, procurei aliar algo que era de ordem prática e afetiva (que exercia e continua exercendo fascínio no que diz respeito aos aspectos inerentes à prática esportiva) ao exercício profissional.

Na atividade de psicólogo do esporte tenho tido experiências com triatlon, tênis, natação, jiu-jitsu, tae-kon-do, atletismo, karatê, tiro esportivo, futebol e vôlei. Em todas elas procurei perceber e descrever emoções e sentimentos de atletas que podem potencializar ou não suas atividades esportivas, tais como: ansiedade, medo, amor, ódio, agressividade, frustrações, dentre outras.

Além destas atividades também leciono as disciplinas Fundamentos Psicológicos da Educação Física e Psicologia Desportiva tanto na licenciatura quanto no bacharelado, do Curso de Psicologia de uma instituição de ensino superior privada da cidade de Fortaleza.

Diante desta trajetória de trabalho com Esporte Profissional - em que o objetivo central seria a vitória ou superação de desempenho por parte do atleta - percebi dois sentidos da prática de atividades físicas. De um lado existe o atleta de ponta, que visa o resultado e que sofre todas as conseqüências dessa vivência: ansiedade e níveis de estresse elevados, dores causadas pelo sobretreinamento<sup>1</sup> e pressão da família e da comissão técnica. Esse esporte de alto rendimento não tem como foco principal a abordagem de conteúdos atrelados a visão mais ampla do ser humano.

Em outro sentido existe o esporte enquanto prática educativa para crianças e adolescentes. Essa prática que pode ser utilizada em bairros de periferia de cidades e em comunidades carentes e aquela que é enaltecida neste trabalho que visa a identificar o

---

<sup>1</sup> É o resultado de sucessivos treinamentos exaustivos sem regeneração suficiente. Seria uma fadiga que pode durar semanas ou meses (BOMPA, 2005).

potencial do esporte como ferramenta para desenvolver o ser humano física e psicologicamente.

Na perspectiva de abordagem esportiva em que o profissional engajado visa a extrair na prática todo o potencial do atleta não deixam de ser abordadas questões como, auto-imagem, auto-estima, socialização, cidadania, superação de obstáculos, dentre outras. Essas dimensões foram percebidas no decorrer de minha prática na psicologia do esporte. Nesta prática percebo também que o esporte para atletas de alto rendimento, com características profissionalizantes, eclode na medida em que crescem o número de escolinhas voltadas para a iniciação esportiva e conseqüentemente competições voltadas para o público infanto-juvenil.

Nessas práticas de esportes os pais, os adultos e os próprios praticantes, normalmente cobram em excesso por resultados: o neo-atleta deve ganhar a todo custo. Os professores, por sua parte, exigem dos jovens o mesmo rendimento de um atleta adulto. Isso tudo faz com que o jovem passe a incorporar essas metas e valores antagônicas a procura do esporte como algo que faz crescer, adquirir maior controle emocional e segurança, o esporte que promove a convivência em grupo, a escuta a fala e a capacidade de reconhecer e aceitar limitações. Ao invés disso, aquele valor de ganhar a qualquer custo e outros supervalorizados no esporte para atletas de alto rendimento culminam na idealização da auto-imagem de um superatleta.

A experiência tem me mostrado também que essa idealização é que faz com que crianças e jovens se irrite facilmente, chorem por qualquer derrota, não saibam competir e, pior, que fiquem aprisionadas a um círculo vicioso que nada contribui para um desenvolvimento harmonioso das comunidades esportivas e da comunidade como um todo.

Não obstante, o que se observa através de projetos como, atleta cidadão, esporte para todos, gol de letra, entre outros, é a tomada do esporte como plataforma política, marketing empresarial e/ou proposta de inclusão social. Isso não tem nada de negativo, pelo contrário, quanto mais se estimula o esporte entre os jovens, mais se tem instrumento de socialização, inclusão e melhora da auto-estima. A questão é que aspectos relevantes para a formação psíquica e ética do jovem não podem deixar de receber a devida atenção das instituições governamentais e sociais.

Tenho notado que o esporte tem sido tomado por muitos desportistas como mecanismo de socialização e visto como forma de ascensão e melhora da qualidade de vida. De fato, através do esporte o jovem pode ter contato com outras realidades o que, também, o coloca como uma forma de trampolim para possíveis mudanças de sua condição

socioeconômica. Essa tendência de se associar o esporte a um degrau para ascender na escala social é estimulada pela mídia escrita e a televisiva.

Normalmente a associação entre ascensão econômica e esporte ocorre, quando se veicula a imagem de atletas dos mais variados esportes que através destas práticas obtiveram melhora significativa no seu perfil socioeconômico. Esses exemplos, infelizmente, acabam compondo o imaginário do adolescente que vê a possibilidade de seguir aquele caminho e alcançar os mesmos resultados.

O preocupante é que essa ideologia também é assimilada pela família e, desta maneira, todos os envolvidos passam a viver na perspectiva do sonho de uma ascensão socioeconômica (RUBIO, 2000). Um olhar sobre essas práticas deve ser feito no sentido de se investigar o esporte na relação do sujeito com o seu ambiente e não somente como possibilidade de melhoria na condição socioeconômica.

A relação sujeito-esporte-ambiente foi verificada pela leitura que fiz da pesquisa “A Cidade e a Escola”, realizada em 2006 na cidade de Fortaleza, pelo Laboratório de Psicologia Ambiental<sup>2</sup> da Universidade Federal do Ceará (UFC), que enfatiza a leitura daquela relação através da construção dos Mapas Afetivos (BONFIM, 2003). Tal investigação mostrou que os adolescentes tomavam de forma espontânea as atividades esportivas e sua infra-estrutura como necessárias para a vida na comunidade.

Como o esporte surgiu de maneira espontânea na construção de mapas afetivos daquela pesquisa, fiquei instigado em compreender o afeto de jovens desportistas com relação ao bairro de moradia.

Tal curiosidade conduziu-me a uma análise pormenorizada dos dados advindos da supracitada pesquisa. Meus olhos voltados para o esporte enxergaram-no associado a imagens de contraste. Os dados daquela pesquisa estavam revelando imagens do bairro associadas à destruição e ao mesmo tempo associadas a pontos positivos de relações propiciadas por espaços ocupados por práticas de esportes. A análise dos dados advindos daquela pesquisa foi o ponto de partida da pesquisa desenvolvida nesta dissertação.

---

<sup>2</sup> Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental - LOCUS – é constituído por professores, alunos de graduação e pós-graduação em Psicologia, do qual faço parte como estudante do Mestrado (UFC), bem como por colaboradores de diversas áreas. Tem como objetivo desenvolver pesquisas na área de Psicologia Ambiental, associadas à extensão e ensino, construindo redes de atuação interdisciplinar com a Psicologia, a Educação, a Geografia, a Arquitetura e outras áreas de intervenção no ambiente. As perspectivas psicossocial e histórico-cultural são bases para a compreensão do ambiente como uma construção sócio-física neste Laboratório de Pesquisa, compreendendo as seguintes linhas de investigação: 1- Apropriação, Identidade e Sustentabilidade; 2- Cidade, Afetividade e Simbolismo do Espaço; 3- Educação Ambiental e Práticas Coletivas (LOCUS, 2007).



Através dos dados daquela pesquisa verifiquei, ainda, que jovens referiam à necessidade de inserção de atividades esportivas em praças públicas. Outras pesquisas também ressaltam a necessidade do esporte como atividade de lazer em ambientes públicos.

Na cidade de Recife, o trabalho desenvolvido por Pinto (1996) deu ao autor a compreensão de que os participantes passaram a entender um pouco mais sobre eles mesmos e sobre suas relações com seu mundo, em várias esferas de suas vidas, através da realização de atividades de lazer e esportes.

Em São José dos Campos, a prefeitura utiliza o esporte como mecanismo para construção de autonomia e cidadania. Pessoas envolvidas nas atividades esportivas daquela cidade do Estado de São Paulo alcançaram certo nível de autonomia refletida no engajamento da comunidade por um conselho dos usuários criado para ajudar na gestão municipal sobre as políticas de lazer e esporte (RAMOS & INFANTE, 1996).

Na cidade de Recife é realizado um campeonato de futebol de várzea que tem como objetivo sensibilizar a comunidade esportiva sobre cidadania e participação popular. Na mesma cidade desenvolve-se um trabalho com adolescentes que utilizam o esporte como atividade que agrega os jovens para realização de rodas de diálogo. Nesta atividade emergem temáticas relacionadas à comunidade, mais especificamente à violência (FREITAS *et al.*, 2007).

Esse processo de agregação possibilita o que os autores chamam de autodeterminação. Sob essa ótica, Caú *et al.* (2007) ressaltam que a convivência em grupo facilita a criação de relações de confiança e acabam por servir de referência para construção de uma identidade coletiva e de referência para atividades individuais.

Para Alencar *et al.* (2007, p. 154) “a cidade muito mais do que sua paisagem é o cenário onde os sujeitos nas suas relações materiais de sobrevivência constroem visões de mundo que orientam seus comportamentos, hábitos e formas de participação e cidadania”. Em seus estudos, os autores perceberam mudanças de atitude nos adolescentes no que diz respeito a avanços no processo de auto-organização, elevação de consciência política e trabalho socialmente útil.

As práticas esportivas contribuem de maneira positiva para avanços na comunidade, mas a falta de opções de esportes e lazer, segundo Rodrigues e Arriagada (2004 *apud* DAMICO; SANTOS, 2007), pode amplificar as vulnerabilidades de populações a situações de violência. É dessas possibilidades que decorre a necessidade de sistematizar atividades de esporte em bairros e em determinadas regiões com populações carentes, bem como desenvolver pesquisas envolvendo tal temática e tais sujeitos.

O eixo desta dissertação pautou-se em uma análise das imagens afetivas do bairro de moradia por adolescentes praticantes de atividades esportivas sistemáticas. O instrumento para o levantamento de mapas afetivos utilizado foi o mesmo desenvolvido por Bomfim (2003).

Acredito que este trabalho científico poderá servir como instrumento de reflexão de intervenções sociais junto a jovens que praticam esportes, intervenções verdadeiramente voltadas a potencializar ações de adolescentes em seus bairros.

Assim, a pesquisa ora apresentada vislumbrou analisar o afeto de adolescentes praticantes de esportes para com o seu bairro de moradia. Nesta pesquisa o conceito de afeto foi fundamentado nas idéias de Lane e Sawaia (1994), Sawaia (2000, 2004), e conceitos referentes aos esportes e a psicologia do esporte em Samulski (2002) e Weinberg e Gould (2001).

Para facilitar a abordagem teórica da dissertação, em um primeiro momento é abordada a adolescência e sua relação com a subjetividade e com o esporte. O assunto do capítulo seguinte enfoca a Psicologia do Esporte, situada em um contexto histórico e em seus campos de atuação. O terceiro capítulo tem por norte a Psicologia Ambiental, seu histórico e os conceitos de afeto, apego e apropriação dos espaços.

Na seqüência serão abordados os objetivos, metodologia, apresentação e discussão de resultados.

## 1 PSICOLOGIA DO ESPORTE

Hoje o campo da Psicologia é bastante amplo, surgindo cada vez mais a necessidade de enfoques específicos. As necessidades que nossa sociedade fizeram com que a Psicologia fosse aplicada em variados campos, como por exemplo, na área jurídica, no trânsito, em hospitalar, organizacional, na clínica, em escolas, no esporte, entre outras.

A evolução histórica da Psicologia do Esporte pode ser dividida em cinco etapas (BURITI, 2001; WEINBERG; GOULD, 2001; DOBRANSZKY; MACHADO, 2000): primeiro período (1825-1920) – a preocupação inicial era mensurar tempo de reação de atletas, como se dá a aprendizagem motora e esportiva; segundo período (1921-1938) – considerada a era Griffith pelo fato de Coleman Griffith ser o pai da Psicologia do Esporte norte-americana e ter criado o primeiro laboratório nesta área; terceiro período (1939-1965) – esse momento é chamado de preparação para o futuro, pois o psicólogo Franklin Henry foi o teórico que ajudou a Psicologia do Esporte a ficar mais forte, realizando pesquisas que envolviam fatores psicológicos da aquisição de habilidades esportivas e motoras; quarto período (1966-1977) – estabelecimento da Psicologia do Esporte como disciplina acadêmica, deixando de estar vinculada à disciplina de Psicologia da Educação e Aprendizagem, criando uma grade curricular própria; e quinto período (1978 até o presente) – surgimento de entidades como Association for the Advancement of Applied Sport Psychology e a Divisão 47 da American Psychological Association.

Neste panorama sobre a história da Psicologia do Esporte, cabe citar algumas das áreas de atuação do psicólogo do esporte. Samulski (*in* BRANDÃO; MACHADO, 2000) coloca que no início a Psicologia do Esporte estava atrelada mais a área de rendimento, mas nos últimos quinze anos tem voltado seu foco de atuação para áreas de recreação, prevenção e saúde.

O profissional desta área aplicada da Psicologia tem como campo as áreas de atuação didática e pesquisa, voltadas à formação acadêmica. Uma das áreas é aquela que se restringe à formação acadêmica de estudantes de Psicologia e de Educação Física; outra a que tem como finalidade compreender a Psicologia no contexto desportivo, utilizando a pesquisa como construção desta área da Psicologia (DE ROSE JR., *in* RUBIO, 2000).

No campo prático ou de intervenção, o profissional avalia, diagnostica habilidades cognitivas, psicológicas, além de buscar talentos ou necessidades que porventura os praticantes apresentem, para intervir de maneira prática, procurando formas de melhorar o desempenho ou a relação dos indivíduos ou grupos, com seu esporte ou atividade física (BECKER JR., 2000).

Segundo Brandão e Machado (2007), A Psicologia do Esporte surge ligada a um compromisso com interfaces do mundo esportivo, possibilitando sua inserção em áreas como Educação Física, esporte, Psicologia e Humanidades (MACHADO, 2006), sendo a Psicologia do Esporte “o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e a aplicação desse conhecimento” (WEINBERG; GOULD, 2001, p. 28).

Os autores citados anteriormente norteiam as pesquisas em dois grandes eixos. O primeiro procura entender os efeitos dos fatores psicológicos sobre o desempenho de um sujeito e o segundo aborda os efeitos da participação em atividades físicas sobre o desenvolvimento psicológico, saúde e bem-estar das pessoas envolvidas nessa atividade.

Ao me deparar com o vasto campo de atuação da Psicologia do Esporte, pensei em aliar os conhecimentos desta área com a Psicologia Ambiental e verificar de que maneira o esporte pode ter relevância social, especificamente na afetividade de praticantes de esportes.

Acredito que a prática de atividade física não produz necessariamente pessoas melhores ou piores, já que o caráter não é conseguido a partir desta prática. Mas, talvez, o sentido de pertença também não, conquanto possa ser que este passe a existir no sentimento de jovens no ínterim que praticam esportes e atividades físicas devidamente planejadas.

Machado (2006) ressalva que além das atividades físicas terem a característica de procurar desenvolver alguns valores, elas possuem também a capacidade de ser instrumento de socialização, de incentivo à prática de atividades coletivas.

O fato é que as atividades físicas sistemáticas possibilitam encontros entre as pessoas de uma determinada comunidade, que acabam compartilhando objetivos comuns, e nesse sentido o envolvimento comunitário, através do esporte, pode constituir-se como meio para o exercício da cidadania, meio de diálogos sobre questões inerentes a comunidade.

Psicólogos do esporte de diversos países têm realizado uma grande quantidade de trabalhos e publicações em suas diversas áreas de atuação. No Brasil já se destacam alguns pesquisadores, tais como: De Rose Jr., Samulsky e Becker. No Ceará, esses trabalhos ainda não foram realizados, o que motivou mais ainda o desenvolvimento desta pesquisa. Para os pesquisadores cearenses também é nova a idéia de estudar o ambiente de práticas esportivas no prisma da Psicologia Ambiental.

Nesse sentido a Psicologia de Esporte pode dar de maneira mais efetiva uma visão sobre as relações do praticante de modalidades esportivas, sobre como ele incorpora vivências no seu dia-a-dia e também como o esporte interfere na vida social.

## 1.1 Esporte moderno e cidadania

O esporte moderno surge no séc. XIX, atendendo algumas necessidades sociopolíticas. De um lado, atende a burguesia que lança mão de práticas esportivas como atividades de lazer e de outro o proletariado, que encontra no esporte um espetáculo de massa para preencher seu tempo livre. Até mesmo os movimentos feministas têm encontrado na participação de esportes uma forma de liberdade tão almejada por esses grupos (PRONI; LUCENA, 2002).

Segundo Wagner (*apud* PRONI; LUCENA, 2002) o esporte moderno acaba adquirindo características mercantilistas, como por exemplo, maior ganho financeiro com esportes em escala mundial, motivação internacional para participar de competições, influência dos veículos de massa nos países em desenvolvimento, gerando com isso interesse cada vez maior por atividades esportivas como sinônimas de ascensão na escala de desenvolvimento e importância política do esporte.

Além dessas dimensões políticas e econômicas, atualmente o esporte vai além do movimento e do resultado em si: ele começa também a adquirir algumas definições que ampliam sua importância. Definições que o colocam associado à força, à superação de obstáculos, ou seja, sua prática pode promover uma vivência subjetiva que implica numa possível capacidade de estabelecer mudanças nas relações de um indivíduo com seu ambiente.

Geralmente essas modificações ocorrem quando o sujeito passa a criar estratégias de enfrentamento diante do surgimento de obstáculos em seu entorno, já que aquela prática, de certa maneira, pode contribuir para a melhora de sua auto-estima, dando mais determinação para buscar seus objetivos (DI PIERRO; SILVA, 2003).

Para os mesmos autores supracitados a prática esportiva deve ser analisada com cuidado para vir a ser uma atividade que eduque e que não venha a prejudicar a formação de crianças e adolescentes com repetições de um modelo que nossa sociedade acaba impondo.

A prática esportiva, portanto, deveria ter como fundamento a educação para formação integral, educação para cidadania e inclusão social. Contudo, o que se percebe é uma prática que procura desde cedo impor um rigor semelhante às relações desenvolvidas nas categorias de atletas profissionais, o que pode levar à especialização<sup>3</sup>. Isso se justifica pela necessidade de vitórias no

---

<sup>3</sup> A busca pelo resultado positivo a curto prazo, especialmente no Brasil, tem levado profissionais do esporte a adotar a especialização como procedimento pedagógico... Esse procedimento acaba resultando em problemas em diferentes dimensões: físicas, técnicas, táticas, psicológicas e filosóficas (PAES, 2002, p. 92).

esporte de resultado, que tem como eixo central a busca incessante do pódio, do prêmio. Esse tipo de esporte não contempla os aspectos pedagógicos referidos anteriormente.

Quando um trabalho esportivo é realizado com fins pedagógicos, com compromisso social, ele acaba por possibilitar uma análise crítica da realidade por meio de reflexões e discussões, o que o coloca como meio de aprendizagem social.

A prática de esportes pode por um lado proporcionar desenvolvimento ao ser humano, em aspectos afetivos e cognitivos, e de outro lado pode se ajustar a uma modalidade que repete modelos sociais vigentes, que segrega e provoca exclusão. Nesse sentido, o esporte pode acabar sendo feito sem análise crítica e sem compromisso social, o que é refutado nesta dissertação.

Segundo Proni e Lucena (2002), até meados do século passado, o esporte estava atrelado a virtudes morais, não sendo uma prática que deveria reduzir-se a um mero divertimento, mas sim como uma aprendizagem de virtudes.

Neste mesmo período, segundo os mesmos autores, num espaço de poucas décadas, as práticas desportivas perdem seu caráter lúdico e elevação de princípios morais, incorporando a lógica capitalista, onde o esporte espetáculo é o que é valorizado, pois representa a cultura narcísica individualista. Neste sentido, para sua legitimação o esporte não necessita mais lançar mão de um discurso pedagógico para ter relevância social, já que a lógica do consumo também autoriza a sua prática, sendo utilizado das mais diferentes formas e com os mais antagônicos discursos.

Isso é interessante, pois a prática esportiva pode ter três dimensões: brincadeira, jogo e esporte propriamente dito (HELAL, 1990). Na brincadeira pode-se encontrar uma prática sem regras estabelecidas, em que o sujeito não segue normas definidas pelo esporte. Na medida em que esse brincar passa a ter regras para norteá-lo, ele deixa de ser brincadeira e passa a ser jogo.

Contudo, não se pode pensar que a entrada de regras retira a espontaneidade do sujeito. Na verdade, seguir algumas normas pode ajudar o jogador a ordenar a situação e torná-la um pouco mais difícil, o que estimula a ordem, a inteligência na resolução de problemas.

Falou-se do brincar e do jogar e no momento em que estes passam a seguir ditames de uma sociedade que preza pela excelência, buscando alcançar resultados, o que era lúdico, torna-se esporte que tem uma dimensão bem maior, espelhando-se numa economia de mercado que busca resultados, sendo a vitória como objetivo único.

A tênue diferença entre as maneiras de se observar as atividades físicas permite um questionamento sobre a forma de se perceber as práticas esportivas difundidas em escolas e

bairros, e nesse sentido uma das atividades esportivas teria melhor contribuição na relação dos sujeitos com seu meio. Isso tudo é corroborado por Tubino (1992) quando o mesmo diz que a visão do esporte na atualidade possui três perspectivas diferentes e com distintas finalidades, que são: o esporte na educação, o esporte popular e o esporte de rendimento. O primeiro deles é um meio para auxiliar na formação da cidadania e lazer sem englobar as características do esporte de rendimento. O segundo trata da participação com espontaneidade, em que o compromisso é com o bem-estar social e com a saúde de seus praticantes. Já o esporte de rendimento, segundo o autor citado, tem como fim último a busca incessante por resultados.

É de se perceber, então, que a prática esportiva tem uma abrangência que vai além do esporte espetáculo, ela deve ter uma abordagem mais humanizada, que trabalhe aspectos como cidadania e bem-estar, aspectos estes que devem ser o grande objetivo das práticas esportivas.

Recomendações específicas sobre as responsabilidades do esporte com a paz mundial, a importância do fomento da Educação Física e do esporte nos colégios e nas universidades, da promoção do esporte popular a todos os grupos humanos, e necessidade do combate ao *doping* e da preservação dos valores éticos e morais do esporte, a relevância da ciência do esporte, e a urgência de uma convivência cooperativa entre governos e organizações voluntárias (UNESCO, 1988 *apud* TUBINO, 1992, p. 61).

Dessa forma, o esporte passa a ter uma visão de cunho mais social quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) cria o movimento “Esporte para Todos”, que engloba todas as possibilidades da atividade motora, do iniciante ao profissional.

Assim, é possível falar do esporte como fenômeno social que abrange todas as classes sociais e todas as idades de uma comunidade, como veículo de socialização, de atividades coletivas que desenvolve consciência comunitária, identidade e representação simbólica de uma nação (COTTA, 1981 *apud* PIERANTI & ALVES, 2007). Nestes termos, o conceito de esporte se amplia, podendo contemplar práticas de aprendizagem, treino e competição, ações no contexto social, tendo a conotação de esporte-educação e esporte-participação.

Tal conceito mais amplo foi considerado em num trabalho que abordou o futebol e a reapropriação de espaços urbanos na cidade do Rio de Janeiro. Esse trabalho referiu a apropriação do bairro por trabalhadores que revitalizaram o espaço e construíram redes de lazer e de discussão a partir da convivência social nas praças que estavam abandonadas (GUEDES, 1998).

Em seu trabalho desenvolvido no Rio de Janeiro, a autora coloca que práticas esportivas destinadas à população de baixa renda podem abrir espaços para diálogos e participação de redes sociais ativas nos bairros. Para ela, onde há participação em atividades esportivas há fomento ao diálogo para a criação de modos de atuação em bairros e praças, no sentido de trazer melhores condições para prática de esportes. Tal participação possibilita também o desejo de mudança, contagia diversas instâncias, como associação de moradores e empresas, contagia em um sentido positivo, crianças e adolescentes.

## 1.2 O adolescente e o esporte

Aqui se pode perguntar, a partir dos conceitos até então expostos, se a prática de atividades esportivas por adolescentes pode exercer alguma influência nas relações dos mesmos com seu bairro. Essa indagação fomentou o desejo de realizar este trabalho de dissertação como uma contribuição para as comunidades de adolescentes que praticam esportes.

Ferreira (*apud* CHIESA; CRUZ, 2002) definem adolescência como um período caracterizado por mudanças fisiológicas e psicológicas decorridas entre os doze (12) e dezoito (18) anos de idade.

Segundo Bock (2004), o termo adolescência na Psicologia tem sido tomado como uma fase natural do desenvolvimento dos seres humanos, onde além de mudanças biológicas (pêlos no corpo, crescimento repentino, características sexuais), temos também o surgimento de comportamento rebelde, insatisfação, onipotência e outras características que definem a adolescência.

Já Mussen, Conger, Kagan e Huston (*apud* YÉPEZ; PINHEIRO 2002, p. 136) delimitam, em termo de tempo, a adolescência da seguinte maneira: “a adolescência seria o momento do início do processo de crescimento que apontam mudanças que se iniciam na puberdade e terminam quando as responsabilidades adultas forem assumidas”.

A subjetividade de um ser adolescente é itinerante, de uma pessoa em desenvolvimento, ou seja, é flutuante. O poder de reversibilidade seria uma das principais características da juventude e o estilo de vida transitório do adolescente permite uma visão relativista de tudo (ALMEIDA & TRACY, 2003).

Segundo Bock (2004), a adolescência é carregada por características negativas. Isso é corroborado por Gunther e Cunha (2004, p.08) quando afirmam que “normalmente os



jovens ocupam espaços não programados; isto é feito de acordo com os modismos vigentes e geralmente essa transitoriedade acaba sendo associada com delinqüência”.

Esses mesmos autores fazem indagação que pertinentes ao tema abordado nesta dissertação, pois provocam reflexões sobre a passividade e atividade do adolescente na interação com o seu ambiente.

Os autores citados em nenhum momento corroboram estereótipos dados aos adolescentes, apenas retratam como os mesmos são adjetivados em determinados setores de nossa comunidade científica. É preferível destacar a visão positiva de que o adolescente e o jovem são atores de seus mundos, são pessoas que modificam e são afetadas por seu entorno. Todo e qualquer jovem é um indivíduo social que pode, portanto, ser mais ou menos atuante em sua comunidade.

### **1.3 Juventude e subjetividade no mundo moderno**

Para Damasceno (2001) o ser jovem implica em um sujeito protagonista de sua cultura, um ator social e não um mero observador regido por determinismos sociais. Essa visão que cristaliza a juventude a mercê de seu meio é mais contundente quando se refere à jovens pobres, taxados de marginais e violentos.

Pode ser difícil, mas é possível e necessário romper a associação que se faz entre violência, marginalidade e pobreza. Para acabar com esse estereótipo é preciso resgatar a noção de individualidade do sujeito marginalizado. Nesse sentido, a descoberta da identidade dar-se-á, segundo a autora supracitada, na compreensão da ação desse sujeito, ao mesmo tempo em que se preserva a autenticidade de sua experiência subjetiva e o mantém numa relação com o coletivo e o social.

“O conceito de juventude é móvel, ou seja, é uma construção social e cultural” (MATOS, 2001). Não existe uma cultura juvenil exclusiva, mas culturas com suas juventudes.

O entendimento do mundo juvenil perpassa pela percepção dos contextos em que ocorrem tramas sociais e dos caminhos percorridos e tecidos pelos jovens. Suas experiências de sociabilidade ocorrem em espaços de agrupamentos sociais. Estes se apropriam de seus espaços, mantendo redes de relações sociais diversas, sobretudo em atividades de lazer e nas relações com seus pares. As formas de sociabilidade dos jovens moradores de bairros de periferia ocorrem na rua, lugar onde se desenvolvem relações de amizade e lazer através do

esporte. “É justamente no esporte e na cultura que o jovem tem maiores possibilidades de integração e diversão com os seus pares” (BATISTA; CARVALHO, 2001).

No esporte apoiado por organizações governamentais e não-governamentais jovens podem gerar encontros, dar a seus espaços uma simbologia de um devir, de um poder agir, falar, produzir e reproduzir em seu meio. É nesse espaço cultural e esportivo que se deve desenvolver estudos sobre a juventude, pois é o *lócus* das dimensões sociais do jovem e de sua subjetividade.

A subjetividade, segundo Salles (2005), é construída em um contexto histórico, cultural e social. Daí a importância de procurarmos perceber a subjetividade do jovem na sua relação com o ambiente.

Isso é importante já que os jovens procuram apropriar-se de elementos que surgem na cultura de massa para configurar uma subjetividade bem particular (COUTINHO, 2005). “Embora a singularidade e a história de vida sejam relevantes, temos que ter em mente que esse processo não ocorre independente do social, pois este acaba constituindo o subjetivo” (SALLES, 2005).

A sociedade influencia fortemente na subjetividade daquele que nela está inserido. Trata-se de uma relação que requisita o cuidado de não se dissociar o social e o sujeito, por uma visão simplista que estabeleça uma cisão entre o que está no ambiente social e o que ocorre internamente nos agentes desta trama. Essa dicotomia entre o que está dentro e fora do jovem não ajuda na compreensão de um todo. Não obstante, mas com o surgimento das sociedades modernas e, mais especificamente, com o surgimento da divisão do trabalho, o sujeito passou a ser o foco (GIDDENS, 2002).

A individualidade do jovem do mundo moderno, mundo que oferece uma gama enorme de opções, é a individualidade de uma sociedade de consumo, de um jovem que se confronta com escolhas (ESTRAMIANA; SEVERIANO, 2006).

Nesse sentido, essas escolhas caracterizam um modo de viver:

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas de um indivíduo que abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Esses estilos acabam sendo práticas que grupos de jovens incorporam e tomam para si. Segundo Giddens (2002), as escolhas delimitam o como se deve agir e refletem o que se quer ser. Um ponto importante a ser frisado é que, o estilo de vida não define o modo de portar acessórios, vestimentas e preferências musicais, mas está estreitamente ligado ao

ambiente em que a escolha se concretiza. Para Almeida e Tracy (2003), esse ambiente é extremamente nômade, instável por ser fruto de um mundo globalizado.

O que ocorre no mundo contemporâneo é a flexibilidade que marca a subjetividade contemporânea, é a reprodução de padrões de consumo de produtos que acabam sendo devorados compulsivamente (GIDDENS, 2002). Essa flexibilidade não pulveriza o sujeito, pelo contrário, exagera o individualismo, pois o que importa é satisfazer os desejos, gerando uma personalidade muito narcísica (ESTRAMIANA; SEVERIANO, 2006).

O jovem, portanto, está inserido em uma sociedade que tem como característica marcante a existência de uma indústria de informação, de bens culturais, de lazer e de consumo que enfatiza o presente, na busca do prazer imediato (SALLES, 2005). Para tanto, basta observar o bombardeamento de informações veiculadas na mídia que associam produtos à felicidade, ao bem-estar e que, ao mesmo tempo, anunciam uma felicidade circunstancial, que muda a cada dia, a cada lançamento do mercado.

O jovem de hoje é um ser itinerante, uma pessoa em desenvolvimento, mas que não se apega, é um ser flutuante. Essa reversibilidade é das principais características da juventude contemporânea, que tem um estilo de vida extremamente associado a uma visão relativista de tudo (ALMEIDA; TRACY, 2003).

Esse sujeito viajante “volta o seu interesse para questões pessoais, morais e existenciais, fundamentadas na afetividade” (MENEZES, 2003, p. 62). Essa idéia é corroborada por Nicolaci da Costa e Romão Dias (2005) que tomam por base os estudos de Jameson (1993, 1995, 1997) para discutirem a superficialidade e a fragmentação da subjetividade pós-moderna.

Para o entendimento dos aspectos que envolvem a subjetividade e mais detalhadamente para ampliar os conhecimentos sobre a afetividade do jovem com relação ao seu ambiente de moradia e lazer, faz-se por bem apresentar conceitos da Psicologia Ambiental que facilitam a compreensão da relação indivíduo-ambiente.

## **2 PSICOLOGIA AMBIENTAL**

### **2.1 Relação sujeito-ambiente**

A Psicologia Ambiental, segundo Mira (1997), proporciona conhecer com mais detalhes a relação indivíduo-ambiente, ou seja, possibilita uma investigação que promove o conhecimento sobre as interações do indivíduo com o seu entorno. Segundo o autor, é do interesse de estudiosos da Psicologia Ambiental a obtenção de informações sobre como pessoas percebem determinados ambientes.

Nesta perspectiva, a percepção envolve fatores objetivos, constituídos por características próprias do marco físico, e fatores subjetivos, aqueles que derivam da existência do indivíduo e de sua relação com seu meio. Segundo Ximenes (2004), os estudos sobre esses fatores giram em torno de uma natureza interdisciplinar. Mas é o enfoque da Psicologia Ambiental que possibilita um olhar sobre os afetos que surgem na relação do indivíduo com o ambiente de vida.

Tomando por base o que Corral-Verdugo (2005) descreve, existem estudos da Psicologia Ambiental que procuram entender os modos pelos quais os aspectos sociais e físicos do ambiente influenciam o comportamento de determinadas pessoas e como as ações das mesmas, por seu turno, afetam seu entorno. Esta particularidade apresenta a necessidade de esforços interdisciplinares para dar conta de dimensões que afetam o comportamento humano.

Portanto, a Psicologia Ambiental seria a área da Psicologia que formula e analisa as transações e inter-relações das experiências e ações humanas com aspectos pertinentes do entorno sócio-físico (ARAGONES; AMÉRIGO, 1998). Basicamente seria o estudo das inter-relações entre ambiente físico-social e o comportamento e experiências humanas, o que dá espaço para que possamos perceber o jovem em seu contexto, e a partir daí encontrarmos uma subjetividade que emerge nesse ir e vir de relações. A Psicologia Ambiental proporciona, assim, conhecer com mais detalhes as relações indivíduo x ambiente, ou seja, possibilita uma investigação que promove o conhecimento sobre as interações do indivíduo com o seu entorno.

Segundo Aragonés e Amérigo (1998), é de interesse dos estudos nessa área a obtenção de informações sobre como se percebe o ambiente, pois desta forma os sujeitos inseridos neste ambiente poderão atuar melhor sobre o mesmo, modificando-o e ao mesmo tempo sofrendo também modificações.

O fascínio de um estudo como esse, ocorre justamente pelo leque de ambientes que os jovens criam e subjetivam. No caso em estudo, o ambiente exposto é o bairro de moradia e como se dão as relações de seus jovens moradores. A Psicologia Ambiental, então, contribui com a análise dessas relações tão multifacetadas, ao mesmo tempo em que enriquece e amplia conhecimentos.

Para Corraliza (1998), um ponto importante na interação indivíduo e ambiente seria compreender como o espaço físico se converte em um espaço significativo para o sujeito. O autor acredita que o esporte pode influenciar na significação do espaço ou, ao menos, na forma como essa prática surge no relato do jovem. Ele refere também que um estudo do significado implica em analisar a representação interna da organização espacial e dos elementos significativos em torno dos quais esta representação se organiza.

Para compreender melhor esses aspectos das representações dos espaços de vida, Berlyne (*apud* CORRALIZA, 1998) coloca que o ambiente está formado por um conjunto de estímulos cuja incidência ou impacto na pessoa depende de três pontos: propriedades psicofísicas (que regulam fundamentalmente a intensidade da estimulação do ambiente), propriedades ecológicas e propriedades colativas (que descrevem comparativamente as qualidades de um estímulo ambiental).

Das três propriedades, as propriedades colativas têm grande importância, pois geram implícita ou explicitamente uma resposta comparativa. Neste sentido, as propriedades seriam: novidade, complexidade, surpresa e conflito. A novidade tem como característica principal o resultado da comparação de um estímulo atual com outro vivenciado anteriormente, por exemplo, a comparação entre uma modalidade esportiva, antes sem significado, e outra realizada com mais dedicação; a complexidade está atrelada a um padrão resultante da conjunção de elementos que conformam um estímulo; a surpresa vincula-se a relação de não-adequação de atributos de um estímulo presente às expectativas que o sujeito tem sobre o mesmo; e finalmente o conflito se produz quando são ativadas respostas simultâneas e contrapostas.

Esses conceitos têm muito a contribuir com a investigação sobre as relações de apropriação do espaço e sobre a compreensão da relação do sujeito com seu ambiente, principalmente, dentro de um enfoque transacional<sup>4</sup>. Enfim, os estudos que comportam tais conceitos dizem respeito às mudanças nas relações existentes entre os aspectos psicológicos e ambientais. Num primeiro momento até podemos pensá-los como tendo uma independência

---

<sup>4</sup> Para este enfoque, a unidade de análise são as entidades holísticas, que abarcam as pessoas, processos psicológicos e ambientes (MIRA, 1997, p. 35).

entre si, mas o enfoque transacional os coloca como unidades holísticas, em que seus elementos não estão separados, mas em confluências de fatores que os tornam dependentes um do outro para sua própria definição e significação (ARAGONES; AMÉRIGO, 1998).

Ao pesquisador cabe lançar mão da Psicologia Ambiental e tentar identificar em sua teoria conceitos que aproximem o entendimento sobre o ambiente e a subjetividade. Fica evidente que essa tentativa não esgota o assunto, mas enriquece a compreensão de mais uma área de estudo da Psicologia Ambiental: a do esporte.

Não só no âmbito do esporte, mas de um modo geral, estão surgindo outros modelos que também procuram dar conta das relações entre ambiente e sujeito. O modelo informacional reconhece a importância de duas tarefas fundamentais que os sujeitos desenvolvem, a de compreensão e de exploração. Corraliza (*in* ARAGONES; AMERIGO, 1998) coloca que estas constituem motivações básicas para a interação com o meio e determinam o tipo de interação entre ambos, tanto no modo da tarefa que o indivíduo desenvolve na relação com o ambiente, como o caráter desta relação.

Um ponto fundamental é entender como as pessoas percebem essa relação. Nesse sentido, no processo de percepção ambiental, três pontos são abordados por Aragonés e Burillo (1991): um ambiente real, cuja melhor aproximação é o conhecimento científico e a medida objetiva; um segundo ponto, o organismo dotado de sistemas de informação complexos, no caso o jovem, que possibilita a armazenagem de dados e a imaginação de situações; e por fim um ambiente simbolizado, que constitui um modelo subjetivo do ambiente real.

Tem-se, portanto, um fator objetivo que é dado pelas características do ambiente real, que é constituído pelas dimensões físicas do ambiente, e um fator subjetivo originado de um organismo complexo, o ser humano, capaz de processar, representar internamente, outorgar-lhe significados e projetar comportamentos. Essa capacidade do ser humano dar significado as suas relações, simbolizar o seu entorno seria a chave para compreender a subjetividade juvenil.

Ao se falar de ambiente, observa-se que os espaços vivenciados pelos jovens englobam toda uma simbologia. Partindo desta afirmação e da premissa de que o ambiente juvenil é cheio de possibilidades e que os seus possíveis locais de encontro ou contextos significativos carecem de investigação, faz-se necessário compreender como o *shopping*, a *rave*, a *lan house* ou em nosso caso específico compreender como o esporte surge no relato dos jovens ao retratarem seu bairro.

É de fundamental importância o delineamento das interações que acabam influenciando a subjetividade juvenil e suas simbolizações com relação ao bairro de moradia e, mais especificamente, na apropriação dos espaços e estima do lugar.

Neste sentido, Pertegás (1996) cita duas perspectivas sobre o simbolismo do espaço: uma considera o aspecto simbólico como propriedade do espaço e esse significado pode ser fruto, dentre outras características, dos interesses que ocorrem a nível simbólico entre os sujeitos que utilizam esses locais. A outra perspectiva evidencia espaços que tem a capacidade de dar significado simbólico, em que o grupo ordena hierarquicamente os locais que têm relevância simbólica. Não seria surpresa identificar nos agrupamentos de jovens essas mesmas características, em que os mesmos definem uma identidade grupal a partir de simbolizações de seu entorno, simbolizações estas que vão do vestuário aos locais de convivência.

Como foi visto no capítulo anterior a juventude é associada à instabilidade, à sazonalidade nas práticas, ou seja, o jovem pode ser tomado como um viajante. Conquanto, é um ser efêmero que atua sobre seu entorno, deposita nele toda uma simbologia com a qual se identifica, toda uma atuação de protagonista.

Não se deve esquecer também que a identificação simbólica permite ao indivíduo ou ao grupo um auto-reconhecimento mediante processos de atribuir a si qualidades do ambiente como definidoras da própria identidade (SAWAIA, 2000).

Quando um sujeito modifica seu contexto tem-se uma ação-transformação, que seria essa alteração que o jovem realiza, ao mesmo tempo incorporando esse espaço modificado em processos cognitivos e afetivos (SAWAIA, 2000). Isso é possível porque as ações dão ao entorno um significado individual e social e dessa forma porque não pensar no esporte como potencia de ação.

Dentro dessa perspectiva do afeto, o presente estudo enfoca a relação entre o esporte a juventude e sua comunidade e, como essa relação pode influenciar a visão que se tem sobre o próprio entorno. Nesse sentido, a Psicologia Ambiental oferece as bases para um aprofundamento sobre questões que envolvem a juventude, a afetividade, o apego e apropriação dos espaços.

## **2.2 Afetividade, apego e apropriação do espaço**

Os estudos sobre afetividade ressurgem na tentativa de retomar um termo que possa superar a dicotomia objetividade-subjetividade, já que durante muito tempo na Psicologia falar sobre os afetos implicava em reforçar a dualidade corpo-alma, que dificulta os estudos sobre afetividade (SAWAIA, 2000).

Essa cisão talvez tenha sido fomentada pelo fato da afetividade, nos estudos sobre o comportamento humano, ser associada ao incontrollável e nesse sentido, ser vista como algo negativo que precisa de controle e que não precisa passar por análise psicológica.

Ao dar à afetividade a importância necessária para a Psicologia, Sawaia (2002) segue as idéias de Vygotsky (1927) e Espinosa (1667), autores que situam os afetos como inerentes à condição humana e, portanto indissociáveis na compreensão psicológica. Conforme a autora, a ausência de estudos sobre os afetos impede a Psicologia explicar a gênese do pensamento, os motivos inerentes ao comportamento humano. Segundo Vygotsky (*apud* SAWAIA, 2002), “nosso pensamento deriva de um estímulo afetivo”.

A afetividade possui dois pólos: a emoção e o sentimento. A emoção é imediata, momentânea, centrada em objetos, imagens e reações orgânicas que provocam modificações facilmente constatáveis; e o sentimento é a emoção sem prazo o que constitui o indivíduo, a forma como ele se coloca no mundo.

Assim, a emoção vivenciada num momento específico não pode ser avaliada como boa ou ruim, depende da percepção do sujeito ali inserido, e o sentimento derivado desta relação é o que caracteriza a identidade do mesmo. Neste sentido, a afetividade é vivida como sentimento – reações moderadas e duradouras que não se remetem a pontos específicos e que caracterizam a forma como o sujeito se coloca no mundo – e a emoção, que seria um sentimento intenso, breve e pontual, interrompe o fluxo normal da conduta do indivíduo e pode ser constatável por mudanças corpóreas e comportamentais (SAWAIA, 2004).

A afetividade permite um olhar sobre questões sociais sem cindir o homem em visões ambivalentes, excluindo a afetividade de sua análise. A Afetividade como objeto de estudo surge da necessidade de se encontrar um eixo que possibilite ao sujeito um comportamento de mudança e dessa feita o termo é bem apropriado para esta pesquisa, pois segundo Sawaia (2000), a afetividade possibilita uma ação transformadora.

Essa ação transformadora depende da forma como as pessoas qualificam seus afetos, podendo ter características de libertação ou escravidão. O afeto surge como instância reivindicatória, gerando inquietações diante da inércia, permitindo um comportamento de tomada de decisão por parte do sujeito, tirando-o da ilusão do comodismo, levando-o à reflexão e ação (LANE; SAWAIA, 1994).

Isso ocorre pela capacidade do sujeito pensar por si, de compreender seus afetos, em que age em nome da liberdade, de ser comandado apenas por si e na visão de que o coletivo, o amor pelo outro é o que há de mais poderoso sobre o individualismo e a escravidão (ESPINOSA *apud* SAWAIA, 2000).



Essa capacidade de mudança pelos afetos seria o que Espinosa (1973 *apud* GLEIZER, 2005) coloca como potência de ação, que seria o exercício da própria capacidade de pensar, agir e evitar a ilusão da servidão (CHAUI *apud* SAWAIA, 2002). Não se deve afirmar, apesar de ter a emoção como base, que o afeto irradia invariavelmente uma visão libertária, pois ele pode tanto soltar grilhões como também escravizar o homem.

Assim, os afetos não podem ser avaliados como bons ou ruins. Atribuir considerações positivas ou negativas para os afetos não pode ser feito pontualmente, mas sim compreendendo a história do sujeito que sente e que, portanto, porta uma bagagem afetiva que só pode ser interpretada por ele próprio.

Para Giuliani (*apud* TASSARA, 2004) não existe vínculo que não esteja ligado a questões de lugar, território e apego a lugares. Nesse sentido, o conceito de comunidade e trama de redes sociais dentro de um determinado local inclui a noção de apego ao ambiente em que se vive.

Tassara (2004), citando Relph (1976), coloca o apego a lugares como uma necessidade humana fundamental, e que na sociedade moderna isto tem se diluído devido à tendência de tornar o espaço uniforme e também instável, através de uma grande mobilidade, o que pode acarretar uma relação estritamente funcionalista com o ambiente, chegando até uma total ausência de apego. Por outro lado, os laços afetivos com o lugar de moradia podem facilitar um maior envolvimento dos sujeitos com sua comunidade.

Partindo desta premissa pode-se questionar até que ponto o envolvimento com atividades esportivas constantes não possibilitaria também estes vínculos mais próximos, desenvolvendo assim, um sentido de apego ao lugar.

O desenvolvimento do apego pode ocorrer através de avaliações positivas sobre o ambiente, diante das necessidades que são supridas para os sujeitos ali presentes.

A propensão para a estabilidade não depende apenas da qualidade do lugar, mas sim, de maneira decisiva, das alternativas disponíveis. O apego será mais forte dependendo do número e da importância das necessidades que são satisfeitas (GIULIANI *apud* TASSARA, 2004, p. 94).

Para Tassara (2004), o apego pode ser originado pelo significado que o lugar tem para a identidade dos indivíduos. Um lugar pode desempenhar um papel importante na identidade e nos valores sociais dos sujeitos ali presentes e a tendência à estabilidade pode estar ligada a uma correspondência entre o significado do lugar e os aspectos importantes para o sujeito. Este laço afetivo pode também ser derivado pelo período de residência e de

familiaridade com a mesma. Assim, o apego ao lugar de vida não se deve a qualidades específicas, mas ao sentimento de segurança e bem-estar vivenciado por cada.

As práticas esportivas podem ter papel na formação do sujeito quando fomentadoras de bons encontros, de vínculos sociais, quando veicula noções básicas de cidadania, como o respeito ao próximo, respeito ao que é comum, aprender também a lidar com limitações, com sucessos e fracassos. Essas atividades esportivas podem, quando estão vinculadas com o cotidiano dos sujeitos, gerar o sentimento de segurança e bem-estar.

*La educación física y el deporte atiende y contribuye prioritariamente a ldesarrollo de la dimensión biomotriz, psicomotriz y sociomotriz del alumno, pero sin olvidar-se de otras áreas como la cognitiva, proporcionando conocimientos teóricos y la sócio-afetiva que tiende a aspectos actitudinales, de valores y de normas. (LANDSHEERE, 1977 apud AYATS, 1998, p. 53)*

Para Ayats (1998), a afetividade envolve laços de apego ao lugar e desta forma possibilita outro tipo de laço afetivo que é denominado de apropriação do espaço. O espaço não possui apenas um sentido funcional, arquitetônico, é nele que se depositam todas as experiências públicas e singulares; e sua apropriação permite que o sujeito possa construir uma projeção de tempo, tornando mais estável sua própria identidade (IÑIGUES & POL, 1994).

Segundo Gaumann (1976 *apud* IÑIGUES & POL, 1994) o termo apropriação surge com Marx associado ao conceito de alienação. Ele diz que ao agir sobre o mundo, o homem, produz tanto objetos materiais quanto não-materiais e nessa execução o sujeito vai criando toda uma identificação com os produtos originados.

Com a sociedade de mercado, que faz apologia ao consumo e em que as relações são efêmeras, tudo o que é produzido pelo homem não é simbolizado pelo mesmo. Essa não identificação seria o que Marx chama de alienação. Contudo, para que ocorra a identificação do produto pelo feitor, a alienação deveria ser evitada, desta forma o teórico propõe a apropriação como mecanismo que possibilita a reintegração do objeto através de novos atos.

No processo de apropriação, o individuo busca objetos que lhe dão certa familiaridade afetiva, em que os mesmos se ordenam seguindo uma escala de valores. Essas implicações demonstram que a apropriação envolve processos cognitivos e afetivos (IÑIGUES & POL, 1994).

Segundo Brower (*apud* IÑIGUEZ & POL, 1994) a apropriação seria o ato de exercer controle sobre um entorno particular, onde a ocupação de um espaço seria afetada pela habilidade de um grupo ou indivíduo estabelecer algum tipo de atividade em seu ambiente.

Assim, uma prática esportiva realizada no local de relacionamento de um grupo de jovens pode está atrelado ao sentido de pertencimento, pois segundo Iñiguez & Pol (2004) a criação de um sentido social é possibilitada pela apropriação.

A partir da literatura exposta, surgem as seguintes perguntas: uma prática esportiva realizada no bairro de moradia pode levar o jovem a tomar o bairro, senti-lo como seu, procurando intervir de maneira mais comprometida, melhorando sua relação com o mesmo? Em um processo apropriação através de novos atos, seria o esporte uma forma de ação que possibilita a reintegração dos espaços? Até que ponto o esporte ou objetos atrelados a ele são referendados na apropriação de um sujeito ou grupo, como local carregado de investimento afetivo e/ou como possível instrumento de reintegração do ambiente circundante?

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 Área geográfica de estudo**

A pesquisa foi realizada na Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes (ARCA), organização não-governamental situada no bairro Barra do Ceará, do município de Fortaleza – Ceará. Esta ONG, que marca presença em outros estados mas que tem sua sede na cidade de Fortaleza, realiza atividades de cunho educativo associadas exclusivamente à prática de esportes.

A escolha da associação ARCA deveu-se ao fato da mesma tomar as práticas esportivas e recreativas como instrumento de mudança e de auxílio ao desenvolvimento de jovens. Trata-se de uma instituição que fomenta o esporte e as atividades lúdico-recreativas para o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes.

A sede dessa instituição parece ser aconchegante: possui dois andares; no primeiro existe a recepção, uma cozinha com uma grande mesa para lanches, onde ocorre conversas em grupo; no mesmo andar existe um chuveiro para lavar as pranchas de surf e outro para o banho dos alunos da escolinha de surf; o segundo andar tem uma pequena sala para conserto e fabricação de pranchas e uma sala de aula onde os alunos recebem cursos de línguas estrangeiras, no caso inglês e holandês.

A prática de surf é comum por crianças e adolescentes do bairro onde se encontra a sede da ARCA. A Barra do Ceará é um dos bairros mais antigos de Fortaleza e todos os dias, principalmente nos finais de semana, recebe banhistas de diversos locais da cidade e também de outros lugares. É, em suma, um bairro praiano de classe média baixa, que possui atividades comerciais diversas.

#### **3.2 Sujeitos do estudo**

A amostra do estudo foi constituída de 19 adolescentes na faixa etária entre 12 e 17 anos, todos praticantes de surf que freqüentam a ARCA. A literatura de Psicologia do Esporte toma essa faixa etária como a ideal para o início de uma prática de esporte exclusiva.

Segundo Weinberg e Gould (2001) e, ainda, Samulski (2002) apenas uma modalidade, deve ser iniciada a partir da idade de 12 anos e só a partir dos 18 é que deve existir a profissionalização. Assim, os sujeitos do estudo eram surfistas amadores.

### **3.3 Coleta dos dados**

O Instrumento foi aplicado no dia 18 de Junho de 2008 no bairro Barra do Ceará. O local de aplicação foi a Organização-não-governamental (ARCA). Na chegada ao local, o que chamou a atenção foi a beleza do bairro, o que talvez por preconceito não seja conhecido pela grande maioria da população, já que o referido bairro é considerado perigoso, onde assaltos e tráfico de drogas são veiculados pela mídia local.

A pesquisa foi realizada na própria instituição, pois os adolescentes estavam tendo aulas de surf e só poderiam realizar a mesma após suas atividades cotidianas. A aplicação dos mapas afetivos realizou-se na sala de aula, pois o espaço era adequado para aplicação em grupo. Os adolescentes após retornarem da aula na praia e realizarem sua higiene, dirigiram-se à sala de aula para a aplicação do instrumento.

Num primeiro momento foi lido em conjunto o termo de consentimento livre e esclarecimento para a partir de então dar-se início ao mapa afetivo. A aplicação transcorreu sem nenhum transtorno, visto que apenas poucas dúvidas surgiram com relação principalmente à questão de número seis, “Caminho percorrido”. Houve um breve intervalo para o lanche, bolacha e laranja, que foi acompanhado pelo pesquisador a pedido dos adolescentes. Após o encerramento os alunos dirigiram-se as suas casas, pois as atividades do dia haviam terminado, tendo a pesquisa se encerrado neste momento.

### **3.4 Instrumento para coleta de dados**

O instrumento de coleta de dados utilizados foi o mapa afetivo (BOMFIM, 2003). Neste instrumento é solicitado que o participante faça um desenho, podendo ser seu bairro, sua escola, sua cidade, sua casa, enfim um contexto no qual ele esteja inserido.

Na pesquisa realizada, o contexto suscitado foi o bairro de moradia dos jovens praticantes de surf. Após a construção do desenho, os sujeitos deram um significado para o

seu desenho. Os sentimentos com relação ao bairro foram expressos pelo sujeito através de respostas a perguntas referentes ao desenho do bairro.

O instrumento gerador do mapa afetivo tem como objetivo principal abordar os aspectos afetivos do sujeito com seu ambiente e pode ser visto no Anexo I. A construção do instrumento surgiu, de acordo com Bonfim (2003), da necessidade de acessar os sentimentos de sujeitos pesquisados sem que os mesmos objetivassem tanto. Este método de coleta de dados é comum em pesquisas que envolva os afetos.

O instrumento elaborado pela autora culmina na construção de mapas afetivos, mapas que revelam o sentimento através da imagem, do desenho e das palavras. Segundo a autora, o desenho aquece o sujeito para a expressão de seus sentimentos, já que o primeiro passo ao se aplicar o instrumento é exatamente pedir que o indivíduo faça um desenho.

O desenho prepara o sujeito para entrar em contato com sua afetividade através das perguntas. A primeira pergunta do instrumento procura acessar o significado que o sujeito dar ao desenho. O significado do desenho pode ir além do geográfico, pode estar carregado de simbologias. Neste caso, segundo a autora, o desenho poderá ser categorizado como cognitivo, quando é retratado de maneira objetiva pelo sujeito, ou como metafórico, quando vem carregado de simbologias que extrapolam a estrutura geográfica em si.

A segunda pergunta aborda uma descrição pelo sujeito dos sentimentos que o desenho desperta para ele. A partir da mesma já se busca acessar um pouco mais as emoções evocadas pelo desenho. Na seqüência, pede-se aos sujeitos um resumo feito em no máximo seis palavras, em que sejam expressos sentimentos em relação ao desenho.

Em cada item seguinte são conceituados, à luz de Bomfim (2003), os pontos já mencionados, bem como aqueles que ainda não foram citados, tomando como base o instrumento da autora, para melhor embasar a abordagem metodológica seguida neste estudo.

#### 3.4.1 Desenho

O desenho constituiu o primeiro item do instrumento. O grande objetivo do desenho seria facilitar a expressão de emoções. Não era objetivo identificar o significado externo ou o sentido interno do desenho. A interpretação do desenho ficou a cargo do próprio sujeito que o construiu.

O significado do desenho esclarece o que a pessoa quis representar. É considerado o significado que a pessoa atribuiu ao desenho, em sua estrutura metafórica ou cognitiva. O que se pretende é diminuir ao máximo a interpretação do investigador em relação ao desenho.

#### 3.4.2 Sentimentos

Aqui é solicitado que a pessoa expresse e descreva os sentimentos a respeito do desenho. Neste momento do processo de elaboração dos afetos, o estímulo inicial é o próprio item do instrumento de pesquisa, que remetia o sujeito ao desenho, à sua própria criação e à representação do bairro.

#### 3.4.3 Palavras – sínteses

São palavras que resumem os sentimentos do sujeito em relação ao desenho. O respondente pode repetir o que já escreveu, mas de forma sintética, por palavras escritas em um espaço com itens enumerados na ordem de 1 a 6. O conteúdo das respostas pode variar de sentimentos, qualidades, substantivos, ou outras expressões que fogem ao que foi anteriormente solicitado. Este método demonstra a interferência do respondente no processo de elaboração de sua resposta e a abertura do instrumento a essa necessária interferência.

Além da síntese solicitada, espera-se que neste item haja uma saturação das respostas ou que seja o seu sentimento afirmado com maior clareza e precisão. Tal clareza é buscada no processo de reconstrução do desenho projetada nos itens posteriores e na própria análise do investigador sobre a re-significação do que foi provocado pelo desenho.

#### 3.4.4 O que pensa do bairro

Este item visa captar respostas que não foram emitidas até este momento. Na resposta a este item, o sujeito pode falar algo mais do que realmente pensa sobre a cidade e tornar aparente o que é a figura na conjuntura das significações de seus sentimentos. Como o desenho, este item pode remeter o sujeito a uma nova construção de seus sentimentos sobre a sua cidade. Desta feita não mais com o desenho, mas com a elaboração textual.

### 3.4.5 Comparação do bairro

Este é o item que pede uma comparação do bairro com algo. Ele permite a elaboração de metáforas e caracteriza-se por ser uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto. Nesta etapa, o sujeito é convidado a elaborar imagens da cidade através de sua capacidade de fazer analogia e figurar o sentimento pela escrita.

### 3.4.6 Categorias da escala Likert

São afirmações baseadas nas dimensões que foram levantadas em uma análise prévia dos dados secundários advindos da pesquisa “A Cidade e a Escola”, pesquisa essa realizada em 2006 em Fortaleza pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UFC. Na aplicação não foi esclarecido ao respondente a que categorias pertenciam as perguntas que continham tal escala. As perguntas foram elaborada a partir dos dados daquela pesquisa e a partir das definições de Bomfim (2003):

- Pertencimento: Nesta categoria encontram-se sentimentos, emoções e palavras de identificação com o lugar.
- Agradabilidade: Aqui se encontram as palavras que mostram sentimentos de vinculação ao bairro e suas qualidades positivas: bom, alegre, legal, paz, harmonioso etc.
- Contrastes: Na categoria contrastes podem ser encontrados sentimentos contrastantes, bem como emoções e palavras contraditórias, em que há uma polarização positiva e negativa, tais como: bom e ruim, feio e bonito, triste e alegre.
- Insegurança/destruição: Na categoria insegurança são encontrados todos aqueles sentimentos e palavras que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo: feio, sujo, violento, muitas drogas, triste etc.



#### 3.4.7 Caminhos percorridos

É uma descrição dos caminhos mais freqüentemente percorridos pelo sujeito no bairro onde vive. Permite visualizar a trajetória do habitante em termos de suas atividades cotidianas. O informante utiliza nomes de ruas, lugares de origem e de destino, elementos que chamam a sua atenção durante o trajeto e diz o que faz nesses caminhos. O próprio informante dá nome ao contexto que vivencia cotidianamente.

#### 3.4.8 Lugar representativo do bairro

Permite a observação da existência de locais que despertem um maior interesse ou que chamem a atenção dos jovens, fazendo com que estes se apropriem de tais lugares.

#### 3.4.9 Apreciação ao bairro

Este item tem como objetivo avaliar o que o respondente gosta e o que não gosta no seu bairro de moradia. O respondente acaba por mostrar o que existe em seu bairro que possa estar interferindo em seu afeto ao mesmo.

#### 3.4.10 O que poderia melhorar neste bairro

Aqui, pretende-se observar sugestões dos próprios moradores do bairro, estimulando-os a refletir sobre possíveis propostas de transformação.

#### 3.4.11 Características sócio-demográficas

Consta da última parte do instrumento de pesquisa e refere-se às variáveis sociodemográficas: sexo, idade, origem, cidade e estado.

### 3.5 Análise dos dados

A análise dos desenhos e dos demais tópicos do instrumento de pesquisa seguiu o padrão definido por Bonfim (2003):

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. Sexo: feminino Idade: Escolaridade Cidade Tempo de residência (quando não originário)	*Mapa Cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou estado de ânimo do sujeito.	Explicação do respondente sobre o desenho que fez.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo sujeito.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo, tem a função de elaborar metáforas.	Interpretação e síntese feita pelo investigador da articulação de sentidos entre a metáfora da cidade, bairro e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

Na primeira coluna encontramos dados sobre idade, sexo, moradia. Na segunda, o desenho é caracterizado por duas estruturas: a metafórica e a cognitiva. A primeira estrutura é a de aspectos emocionais, a que revela que o ambiente físico está investido de sentimentos. A segunda estrutura, a cognitiva, detalha aspectos geográficos e físicos do contexto retratado.

A terceira coluna a pesquisadora utiliza para sintetizar significados ao desenho atribuídos por sujeito participantes de pesquisas. Nas duas colunas seguintes o sujeito pesquisado atribui, respectivamente, as qualidades do ambiente que ele expressou no desenho e seus sentimentos com relação ao desenho e o ambiente retratado. Posteriormente, observa-se como a imagem é associada a outros aspectos, caracterizando possíveis metáforas atreladas ao desenho.

No último item as imagens associadas com os sentimentos do ambiente são caracterizadas, como: contraste (retratando sentimentos opostos), insegurança/destruição (elementos instáveis, negativos), agradabilidade (aspectos positivos) e pertinência (conteúdos que indicavam sentido de pertença, apego ao local de moradia).

Neste estudo também foi realizada uma análise estatística complementar que implicou em uma análise descritiva dos escores levantados a partir da escala tipo Likert (Vide

item 4.4.7 e Anexo 2). Esta escala coleta itens que indicam uma graduação de valores sobre um objeto, instituição ou tipos de pessoas (RICHARDSON, 1999).

Os jovens participantes da pesquisa responderam a cada item que variam ao longo de uma escala de 0 (zero) a 10 (dez) em que a pontuação menor implica em “não concordo” e a maior em “concordo plenamente”. No presente caso os itens foram construídos para verificarem as avaliações dos respondentes sobre as categorias agradabilidade, pertinência, contraste e destruição.

As frases foram ordenadas de forma aleatória sem indicação dos fatores que elas mediam. O método de análise consiste em somar-se a pontuação de cada grupo de categorias e obter uma média individual de cada categoria e outra média pelo total do grupo de pessoas. Os dados numéricos foram analisados pelo programa Microsoft Excel 2003. As análises da estatística descritiva foram feitas pelos programas SPSS 16.0 para Windows e Biostat 4.0.

A análise da Escala Likert possibilita a confirmação de alguns dados identificados nos mapas afetivos, como eventualmente mostram outro viés que pode sugerir ao pesquisador aprofundar alguns aspectos. Deve-se ressaltar que um dos sujeitos pesquisados não respondeu a escala Likert, portanto não pôde fazer parte das análises neste momento da pesquisa.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa 19 jovens adolescentes com idade entre 12 e 17 anos, participantes do projeto Escolinha de Surf: Surfando para Vida que tem como sede a Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes (ARCA), localizada no bairro Barra do Ceará, na cidade de Fortaleza-CE. O quadro abaixo caracteriza os sujeitos do estudo quanto ao sexo, a idade e o bairro de moradia:

Variáveis	Categorias	F
Sexo	Feminino	4
	Masculino	15
Idade	12 anos	1
	13 anos	3
	14 anos	7
	15 anos	3
	16 anos	4
	17 anos	1
Bairro de moradia	Barra do Ceará	6
	Goiabeiras	8
	Colônia	2
	Jardim Petrópolis	2
	Quintino Cunha	1

Quadro 1 – Jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Barra do Ceará, Fortaleza, 2008.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Como se observa a partir do quadro acima, a Escolinha de Surf: Surfando pela Vida tinha, no momento em que os dados desta pesquisa foram coletados, tinha mais participantes do sexo masculino (n=15).

Com relação à idade, a maioria (n=14) tinha entre 13 e 16 anos, estando sete com 14 anos, quatro com dezesseis e três com 13 e com 15 anos de idade. Todos são jovens que praticam surf na Escolinha de Surf: Surfando para Vida.

Quanto à procedência, ou frequência dos sujeitos pesquisados por bairros, prevaleceu o número de jovens provindos do bairro das goiabeiras (n=8), seguido dos que moram na própria Barra do Ceará (n=6), sendo os demais de bairros circunvizinhos, Colônia, Jardim Petrópolis e Quintino Cunha.

## 4.2 Imagens de jovens surfistas entre qualidades e sentimentos

No presente estudo não houve nenhum resultado que indicasse imagem de pertencimento, o que pode ser relacionado à procedência do jovem: apenas seis de dezenove sujeitos moravam na Barra do Ceará. Mas nem mesmo esses se mostraram identificados com a Barra do Ceará. Esse estranho resultado pode, ainda, ser relacionado ao estilo de ser do próprio jovem surfista. Eles parecem pertencer a uma comunidade que transcende a do bairro.

Suas imagens do bairro de moradia são: agradabilidade, contraste e destruição. A essas imagens foram associadas qualidades e sentimentos que os jovens surfistas atribuíram a seus bairros de moradia, como mostra o quadro seguinte:

<b>IMAGENS</b>	<b>QUALIDADES</b>	<b>SENTIMENTOS</b>
<b>Contraste</b>	Bairro bonito, bom/ ruim, com muito lazer, alegre/ inseguro; bom de se viver, oferece oportunidades, legal, solidário, calmo, limpo/violento, divertido, amor, humildade, união, calmo, harmônico, simples, humilde, movimentado, interessante, tranquilo/movimentado, sujo, poluído, violento, possui altos e baixos.	Coragem, respeito, orgulho, legal, liberdade, confiança, orgulho, mudança, alegria, paz, amor, respeito, emoção, violência, tristeza, amizade, respeito, inveja, medo, bom gosto, brincadeira, compreensão, cooperação, união, violência, cuidado, tristeza, raiva, corrupção, paisagem, bonito.
<b>Agradabilidade</b>	Bairro limpo, bonito, bom, alegre, bonito, legal, calmo,	Felicidade, amor, paz, alegria, felicidade, emoção,
<b>Destruição</b>	Bairro violento e triste.	Ódio, medo, alegria, paz.

Quadro 2 – Imagens, qualidades e sentimentos do bairro de moradia atribuídos por jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008.

Conforme as qualidades e os sentimentos apresentados no quadro acima, a imagem de contraste do jovem surfista pode ser remetida a uma estima positiva do bairro de moradia. Embora os sentimentos sejam contrastantes, as qualidades atribuídas ao local de moradia são bastante positivas.

Na imagem de agradabilidade só eclodiram qualidades e sentimentos positivos, o que não implica em dizer que os jovens não percebam as coisas ruins de seus bairros. Isso é referenciado na imagem de destruição. Mas vale salientar que esta imagem não prevalece em relação à agradabilidade, e muito menos em relação à imagem de contraste. Esta última pode até ser tida como a imagem preponderante dos jovens surfistas.

### 4.3 Imagens de jovens surfistas entre metáforas e significados

Para facilitar a compreensão dos resultados que surgiram nesta pesquisa, são apresentadas, a seguir, cada uma das imagens que os jovens têm de seu bairro de moradia, a começar pela imagem de contraste que foi tomada neste estudo como a imagem mais representativa que o jovem que pratica esporte tem de seu local de moradia.

#### 4.3.1 A imagem de contraste

O bairro contrastes é definido segundo Bonfim (2003), pela polarização de sentimentos e qualidades, no caso do bairro, atribuídos a ele e que podem ser potencializadores ou não das ações dos sujeitos ali inseridos. Nas imagens contrastantes foram percebidos sentimentos ambivalentes expressos nos desenhos e nas explicações sobre o mesmo.

No acesso aos afetos dos jovens pesquisados ao se indagar com o que ele compararia seu bairro emergiram metáforas que também deflagram a imagem de contraste que os mesmos têm de seu bairro. O quadro 3 apresenta as imagens de contraste

Bairro jornal	Bairro vida	Bairro rico e pobre
Bairro pássaro	Bairro cachorro/instável	Bairro céu
Bairro alegre	Bairro Iraque	Bairro beira-mar
Bairro dos pescadores	Bairro gangues	Bairro lixo
Bairro de colegas	Bairro Fernando de Noronha	

Quadro 3 - Imagens de contraste de jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008.

Segundo Bonfim (2003), as metáforas instigam o sujeito a ir além de colocações de cunho mais cognitivos, procurando um sentido mais figurativo que faz o participante mergulhar na emotividade.

O desenho ao qual foi atribuída a designação “bairro rico e pobre” revela com clareza as imagens contrastantes com significado dado pelo próprio jovem: bairro violento, mas com lazer. A Figura 1 ilustra o desenho e o significado que o jovem dá ao mesmo:

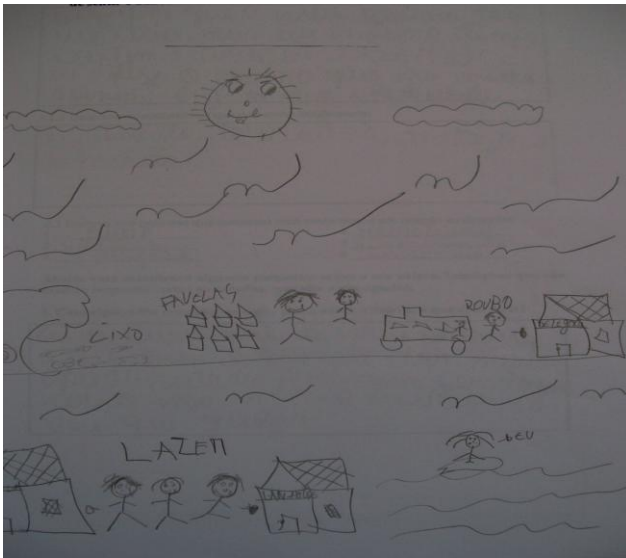


Figura 1 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 15 anos. Fortaleza, 2008.

“Significa que o meu bairro tem violência, mas ao mesmo tempo existem educação, lazer etc.”  
(Significado do desenho de um jovem do sexo masculino, 15 anos).

O jovem que fez o desenho acima disse que “o bairro é bom, oferece oportunidades, embora seja violento”. O mesmo enalteceu a oferta de lazer e disse que “isso é interessante”. O esporte foi ilustrado tanto no desenho como em sua escrita, ficando atrelado a sentimentos bons. A imagem de contraste no esporte surge no pólo positivo de estima ao lugar de moradia.

O desenho ilustrado na figura 2 também mostra os pólos positivo e negativo encontrados no bairro. Essas características são colocadas de maneira muito clara como se pode ver no significado do desenho. O esporte mais uma vez surge no desenho de maneira bem clara, possibilitando a associação do mesmo com afetos positivos em relação ao bairro.



Figura 2 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 16 anos. Fortaleza, 2008.

“A fotografia do bairro representado, significa não só o lado bom, mas o ruim dos dois lados, o bom e o ruim” (Significado do desenho do mapa número 16, respondente do sexo masculino 16 anos).

Os mapas anteriores serviram como exemplo para ilustrar como o esporte e o lazer, de maneira bem clara foram citados nos mapas afetivos, e o que parece ser o mais importante, atrelados ao pólo positivo nas imagens de contraste.

Obviamente, parece uma tarefa fácil fazer essas observações, já que o desenho por si só, já dá indícios dessa afinidade do lazer e esporte com afetos positivos. Uma análise pormenorizada deste fenômeno revela que nas imagens de contraste existe uma polarização bem nítida nos desenhos, no entanto, nem todos os desenhos com imagem de constraste apresentaram essas características, surgindo o constraste apenas ao longo das respostas ao instrumento. Isso de nenhuma forma diminui a sua importância, apenas implica em uma maneira diferente de acessar a imagem que o jovem surfista tem de seu bairro.

No desenho apresentado na figura 3 o jovem surfista retrata sua rua sem deixar indícios de uma imagem de constraste, no entanto, ao longo do instrumento ele revela dicotomias que referem tal imagem.

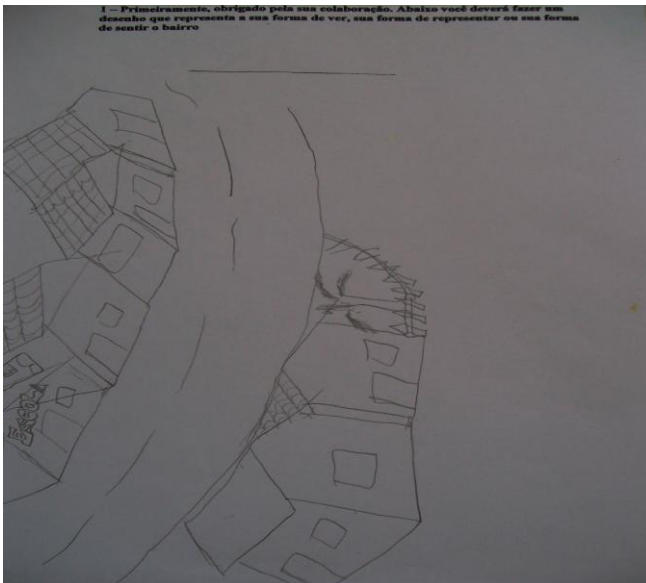


Figura 3 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 14 anos. Fortaleza, 2008.

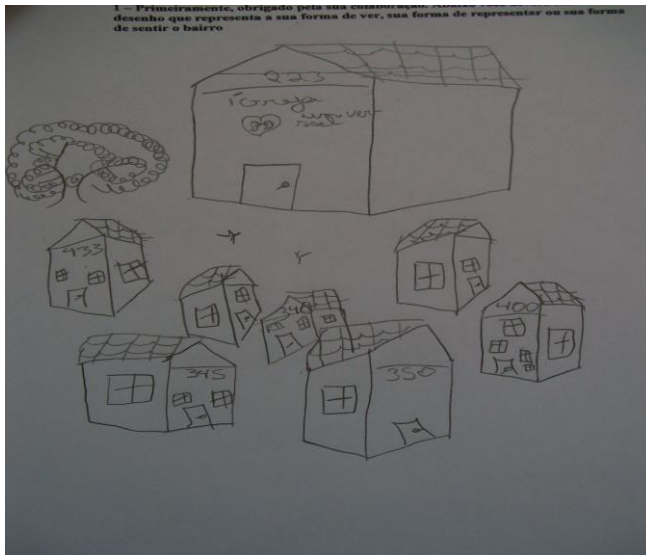
“O desenho significa uma rua que eu moro, eu não acho que ela tem muito defeito, mas não tem muita segurança” (Significado do desenho do mapa número 2, respondente de sexo masculino, 14 anos).

No significado do desenho acima o jovem já deixa evidente tal polarização e, ao longo do instrumento cita a violência e a insegurança como pontos negativos. Parece que o constraste atrelado a uma imagem negativa do bairro emerge somente após alguma forma de reflexão que pode ocorrer ao longo do preenchimento do instrumento de pesquisa. Isso pode denotar que o constraste positivo eclode espontaneamente, ao passo que o negativo sofre influência do que é oferecido ao jovem.



É importante frisar que quando solicitado para citar qualidades de seu bairro, os mesmos colocam “muito lazer”, como sendo um atributo positivo. Nos seus sentimentos frisa a liberdade, mudança, entre outros aspectos positivos. A análise de todo o instrumento preenchido pelo jovem que fez o desenho apresentado na figura 3 revela que o mesmo acaba tomando o esporte como gerador de afetos positivos, mesmo sem expressar isso espontaneamente no desenho. Há, pois, um mediador desse afeto positivo, que pode ser o instrumento de pesquisa ou mesmo a sua prática de esportes.

No desenho da figura 4 os sentimentos do jovem de 12 anos são traduzidos por alegria, paz e amor. Este jovem que pratica esporte coloca que seu bairro é bom para se viver, mas é inseguro, o que revela novamente uma imagem de contraste. Seu desenho, assim como o do jovem anteriormente citado, não alude a práticas esportivas.



“Que as Goiabeiras é um lugar bom de se viver só precisa acreditar e botar pra frente” (Significado do desenho número 4, respondente sexo masculino, 12 anos).

Figura 4 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 12 anos. Fortaleza, 2008.

O exemplo acima não invalida a principal premissa desta pesquisa retirada da literatura, ou seja, a idéia de que o esporte ou atividades esportivas exercem uma influência positiva nas relações afetivas com o bairro de moradia. O exemplo conduz à idéia de que a imagem de contraste encontrada em jovens que praticam esportes, além de está associada a uma estima positiva do ambiente de moradia, também está atrelada a uma estima negativa. Tal ambivalência pode ser própria de jovens adolescentes e não somente de jovens esportistas.

O jovem que fez o desenho apresentado na figura 5 revelou, embora de modo muito sucinto, tanto nas palavras como no desenho, que possui sentimentos ambivalentes de paz, amor; tristeza e raiva com relação ao seu ambiente de moradia.

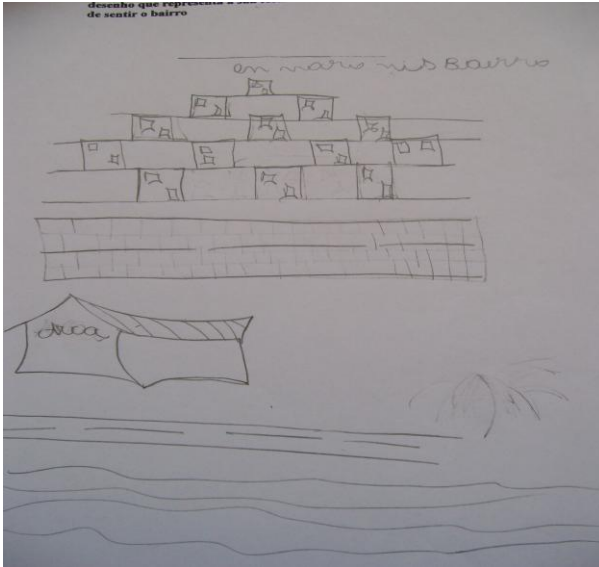


Figura 5 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 17 anos. Fortaleza, 2008.

“Para mim sentimentos de paz e amor” (Significado do desenho número 17, respondente sexo masculino, 13 anos).

O desenho não faz alusão a esportes de maneira clara, mas de maneira implícita isso ocorre pelo fato de o sujeito ter colocado em seu desenho a ONG na qual realiza suas atividades esportivas. Talvez devido ao vínculo com a ONG, associa o bairro tanto a instituição como ao lazer.

O fato do trabalho realizado pela entidade ter o esporte como base das atividades ali realizadas, o lazer e o esporte surgem de maneira freqüente, o que sugere mais uma vez a relação entre afetos positivos com relação ao que o bairro oferece, e a prática de atividades esportivas.

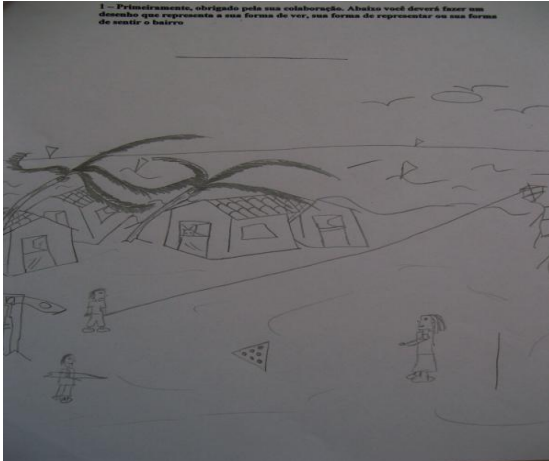
#### 4.3.2 Imagem de agradabilidade

Os jovens esportistas que participaram da pesquisa também apresentaram o seu ambiente de moradia com agradável, tão agradável que é em si o esporte, um pássaro ou mesmo um Rio de Janeiro, com paisagens belas.

<p>Bairro esporte.</p> <p>Bairro Rio de Janeiro.</p> <p>Bairro pássaro.</p>
---

Quadro 4 – Métáforas que remetem a imagens de agradabilidade de jovens da Escolinha de Surf: Surfando pela Vida. Fortaleza, 2008.

Segundo Bonfim (2003), as imagens de agradabilidade refletem sentimentos de satisfação ambiental com o lugar investigado, mais especificamente o bairro em que moram. Como forma de ilustração, são apresentados a seguir os desenhos que deflagram imagens de agradabilidade que jovens surfistas têm de seu bairro de moradia.



“Esse desenho significa litoral, praias bonitas”.  
(Significado do desenho número 3, respondente sexo masculino, 15 anos)

Figura 6 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 15 anos. Fortaleza, 2008.

Mais uma vez tem-se um desenho retratando práticas esportivas, no caso atividades esportivas de caráter lúdico como bila (bola de gude) e pipa (papagaio). Esse ponto é relevante pelo fato de que se coloca na presente pesquisa o esporte como possível gerador de sentimentos potencializadores. No instrumento preenchido por esse jovem de 15 anos ficou evidente em sua escrita seus sentimentos de felicidade, amor, paz e as qualidades de bonito e bom que o mesmo atribuiu ao seu bairro de moradia.

O mesmo jovem do desenho acima apresentado fez uma associação de seu bairro com o esporte, o que indica que realmente a prática esportiva exerce alguma interferência positiva na afetividade com relação ao bairro de moradia.

O desenho da figura 7 retrata as praias, casas e ruas de seu bairro. Como sentimento em relação ao bairro de moradia o jovem cita alegria, felicidade e emoção. O mesmo associa muito as belezas naturais com coisas boas e felicidade. Apesar de não ter feito alusão às práticas esportivas, o jovem retrata em seu desenho, a instituição onde essas atividades são desenvolvidas.

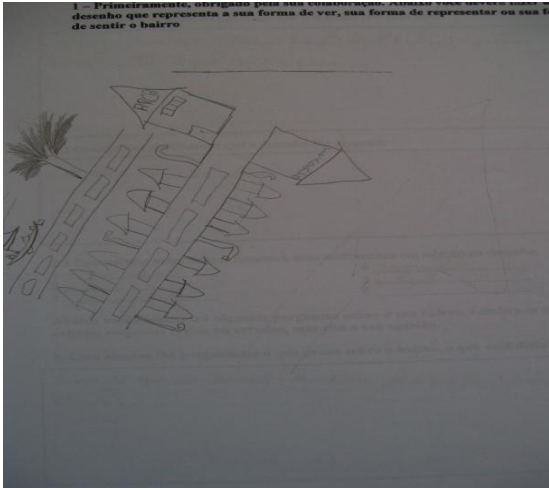


Figura 7 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 13 anos. Fortaleza, 2008.

“Significa que o bairro é bonito, legal, calmo e que tem coisas muito legal como a praia” (Significado do desenho número 6, respondente sexo masculino, 13).

As afirmativas positivas que o jovem do desenho expresso acima fez com relação ao seu bairro revelam também outra figura de afeto que é o apreço a uma parte, no caso a praia, como apreço ao todo, no caso o bairro de moradia. Uma instituição também pode, assim, exercer influência no afeto positivo ao local em que a mesma se situa. Assim seria cabível pensar que o esporte, no caso o surf, acaba assumindo essa característica, ou seja, a de gerar afeto positivo ao bairro de moradia.

Um jovem de 14 anos também expressou todo o seu bairro através do desenho de sua escola. Ele retratou sua escola com pessoas praticando um esporte coletivo e expressou a natureza em uma árvore com gramas ao redor. Trata-se da expressão de dois instrumentos geradores de afetividade potencializadora, importantes na vida do jovem: a escola e o esporte.

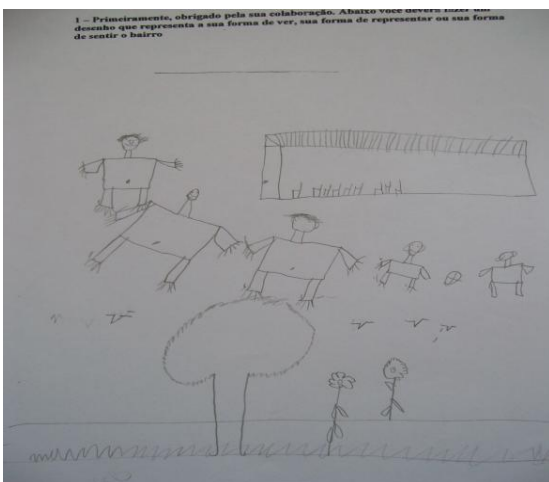
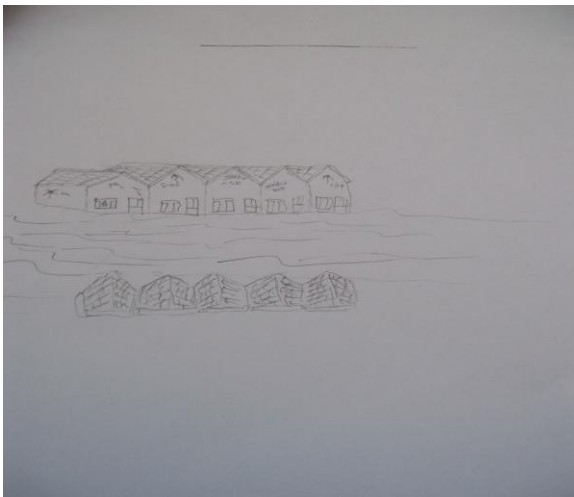


Figura 8 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 14 anos. Fortaleza, 2008.

“Escola João Correia Lima” (Significado de desenho número 15, respondente sexo masculino, 14 anos).

### 4.3.3 Imagem de destruição

O único exemplar de imagem de destruição foi feito por um jovem surfista de 17 anos que comparou seu bairro de moradia com uma favela da cidade do Rio de Janeiro. O jovem desenhou um amontoado de casas (Figura 9) como estando em um morro e outro conjunto como estando em baixo. O mesmo se reporta a favela das dunas como sendo a favela dos morros, mas dá um significado que vai além do geográfico, remetendo-se ao que acontece nesses locais. O jovem deixou transparecer que não é o seu lugar em ruínas em si, mas o que acontece lá que gera sentimentos e qualidades, como esclarece BOMFIM (2003), que despotencializam ações sociais e impedem sentimentos de apego e afeto positivo ao ambiente em que se vive.



“O desenho significa o que acontece em meu bairro”  
(Significado do desenho número 12, respondente sexo masculino, 17 anos).

Figura 9 - Desenho do bairro de moradia feito por um jovem surfista de 17 anos. Fortaleza, 2008.

O jovem praticante de esporte que fez o desenho expresso na figura acima remeteu, ainda, à “violência” e ao “ódio” que existem em seu bairro. Comparou seu bairro com o Rio de Janeiro ressaltando também a questão dos assaltos e dos ladrões. Ao longo do instrumento deixa transparecer que o que lhe resta em um emaranhado de destruição é o esporte. Parece que o esporte é o veículo que o transporta das ruínas ao sonho de um mundo melhor.

Os dados secundários, advindos da pesquisa “A Cidade e a Escola”, realizada em 2006 na cidade de Fortaleza, também mostram o esporte como contraste ao contexto real do jovem, como instrumento de superação das condições ruins de um local de moradia.

Em síntese, tanto aquele estudo quanto o atual mostram que o lazer e o esporte, mesmo junto a imagens que deflagram destruição, são apresentados pelos jovens como janelas de um ambiente de moradia melhor. O esporte parece ser investido de uma carga afetiva de mudança das condições precárias em que esses jovens praticantes de esportes se encontram, sendo uma possível ferramenta geradora de experiências positivas com relação ao bairro, como apregoa a literatura.

O esporte emerge não apenas associado à imagem de destruição, mas também à de agradabilidade, o que demonstra sentimentos positivos do jovem com relação ao bairro de moradia. O interessante é perceber, que o esporte de fato é associado pelo jovem a imagens positivas do local de moradia.

As figuras de quadras esportivas como locais de encontro de pessoas reforçam a importância da integração entre o local de encontro, o esporte e o lazer. O futebol foi colocado pelo jovem como imagem representativa do bairro. Enfim, conforme os dados qualitativos da pesquisa, o esporte está associado ao lazer e não é para o jovem um mero instrumento de contraste, mas uma possível ferramenta de mudança que conduz a vivências positivas no local de moradia.

#### 4.4 Análise estatística complementar

O gráfico 1 mostra de forma sintética a frequência absoluta das imagens que os jovens praticantes surf demonstraram ter de seu bairro de moradia, ao construírem desenhos representativos de seus bairros no instrumento de pesquisa:

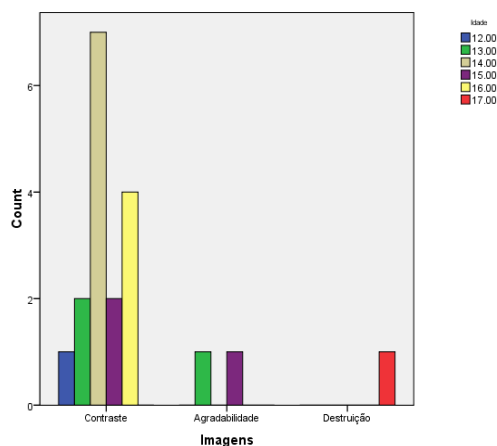


Gráfico 1 – Frequência das imagens do bairro por idade de jovens que praticam esporte, participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.

O resultado apresentado no gráfico 1 mostra que a imagem de contraste eclodiu de mais fortemente nos desenhos dos jovens com faixa etária entre 13 e 16 anos. Tal resultado também mostra que a imagem de destruição pertenceu a um jovem de 17 anos, o mais velho do grupo em estudo.

Esse dado pode ser analisado talvez pela proximidade do desvinculamento do adolescente com o projeto social realizado pela ONG, pois a partir dos 18 anos de idade o mesmo deverá ser desligado da instituição. Este ponto pode estar exercendo influência em suas respostas talvez motivadas pelo sentimento de desamparo que acaba refletindo numa estima negativa com seu entorno. Esta análise que hora se apresenta seria apenas uma inferência cabendo em outro momento outra pesquisa com uma amostra maior de jovens que possa demonstrar a existência ou não de uma variação significativa das imagens conforme a idade.

Pelos dados apresentados no gráfico 1 só se pode confirmar que a imagem de contraste foi a que prevaleceu entre os jovens praticantes de esporte. Em menor escala, alguns desenhos dos mesmos também expressaram agradabilidade e destruição, mas nenhum remeteu à imagem de pertencimento. Essa última imagem foi captada somente a partir das perguntas que continham a escala Likert (Anexo 2), como mostra o resultado no gráfico seguinte:

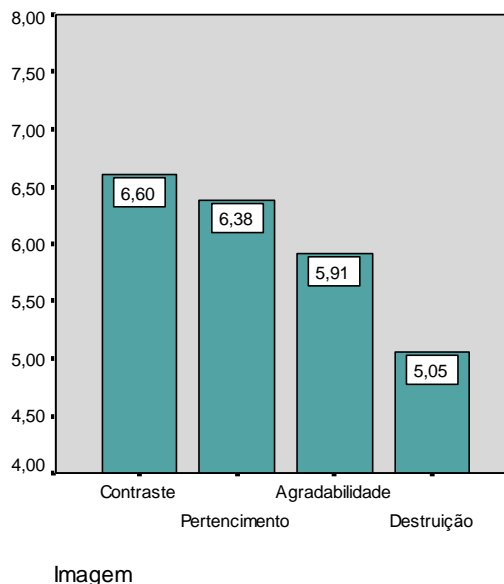


Gráfico 2 - Média das imagens do bairro por jovens que praticam esporte, participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.

Pela análise dos dados da escala Likert foi verificado que de fato o contraste foi mais encontrado entre jovens que praticam esportes ( $X = 6,60$ ). Foi também através da análise desses dados que se verificou a identificação do jovem com o lugar de moradia, o que não

tinha sido captado pelos desenhos e pelos significados dados aos mesmos. O sentimento de pertença não foi expresso de modo espontâneo através dos desenhos, mas foi o segundo mais representativa (6,38) das médias das respostas às perguntas do instrumento de pesquisa que continham a referida escala de escores a serem atribuídos pelos sujeitos do estudo. A média de agradabilidade (5,91) foi inferior àquele, mas superior ao sentimento de destruição (5,05).

Como a escala Likert instigou os jovens a entrar em contato com características não levantadas pelo desenho, coube analisar de forma pormenorizada os pontos observados nos resultados da escala. No quadro abaixo estão expostos os valores médios das categorias de afeto levantadas no estudo com seus respectivos valores de dispersão:

Estatística	Imagem da escala Likert			
	Contraste	Pertencimento	Agradabilidade	Destruição
Média	6,60	6,38	5,91	5,05
Desvio Padrão	1,78	1,88	1,36	2,22

Quadro 5 – Estatística Descritiva dos dados da escala Likert extraída de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.

Percebeu-se pelos resultados das médias e desvios que a escala Likert endossa o que foi encontrado nos mapas afetivos, a categoria contraste ( $6.60 \pm 1.78$ ) surgiu de maneira mais evidente nos afetos dos jovens pesquisados. A média dessa categoria, em termos estatísticos, com relação à idade e ao local de moradia dos jovens, não foi significativamente superior as demais médias. Contudo, com relação ao sexo ocorreram variações significativas entre as categorias de afeto ao bairro de moradia, como mostra o quadro abaixo:

Local	Estatística	Categoria de afeto			
		Contraste	Pertencimento	Agradabilidade	Destruição
Masculino	Média	7,07	7,13	6,13	5,05
	Desvio Padrão	1,66	1,15	1,23	2,19
Feminino	Média	4,95	3,75	5,15	5,05
	Desvio Padrão	1,20	1,60	1,73	2,66
Total	Média	6,60	6,38	5,91	5,05
	Desvio Padrão	1,78	1,88	1,36	2,22

Quadro 6 – Estatística dos dados da escala Likert referente a afetos para com o bairro de moradia, conforme o sexo. Dados de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.

Os jovens do sexo masculino apresentaram índice de contraste ( $7,07 \pm 1,66$ ;  $n=15$ ) maior que o das jovens surfistas ( $4,86 \pm 1,80$ ;  $n=4$ ). Tal diferença apresentou-se estatisticamente significativa ( $t=3,36$ ;  $p=0,031$ ). O mesmo ocorreu com relação à variável pertencimento ( $t=4,79$ ;  $p=0,00$ ), sendo o índice dos jovens ainda mais alto ( $7,13 \pm 1,15$ ) e das mulheres mais baixo ( $3,75 \pm 1,60$ ) que o da categoria anterior. Quanto aos índices de agradabilidade e destruição as variações não se apresentaram de modo significativo.



Para compreender melhor a variação da estima dos jovens praticantes de esporte em relação ao seu bairro de moradia, foi realizada a análise da variação dos índices das categorias que denotavam uma estima negativa (contraste e destruição) e as que denotavam uma estima positiva (pertencimento e agradabilidade) do bairro. O resultado encontra-se apresentado no gráfico seguinte:

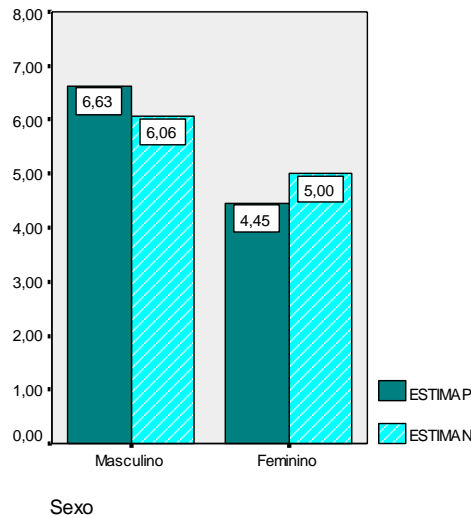


Gráfico 3 - Estima do bairro de moradia por sexo de jovens participantes da ONG ARCA de Fortaleza, em 2008.

Somente ocorreu variação estatisticamente significativa na estima positiva dos jovens e das jovens praticantes de surf ( $t=3,3$ ;  $p=0,05$ ), sendo o índice da estima positiva dos jovens ( $6,63 \pm 1,01$ ) maior que o das jovens surfistas ( $4,45 \pm 1,66$ ).

Assim, tais resultados serviram para demonstrar que a estima positiva que jovens praticantes de esporte têm de seu bairro de moradia está mais fortemente atrelada ao sentimento de identificação com o lugar de moradia (pertencimento) e que a estima negativa está mais associada a sentimentos contrastantes. Embora a estima positiva seja mais forte nos jovens que nas jovens surfistas, o sentimento que expressa contraste também não deixou de se apresentar como forte nos jovens. A estima positiva destes só se apresentou maior que a das jovens por estas apresentarem baixo índice de pertencimento, fenômeno verificado independentemente do local de moradia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a discussão dos resultados encontrados, ficou evidente que o esporte surge como instrumento possibilitador de novas relações afetivas com relação ao bairro. O fator que reforçou essa idéia foi o de que a imagem de contraste expressa espontaneamente nos desenhos dos jovens praticantes de esporte que participaram do estudo apresenta-se como imagem representativa dos afetos desses jovens.

A imagem de contraste surgiu normalmente para contrapor pontos associados como negativos e outros como positivos. Em nenhum momento a imagem de contraste serviu para negação das relações afetivas, apenas apresentou-se fortemente no sentimento desses jovens demonstrando a existência de afetos positivos e negativos em um mesmo contexto de vida.

No caso da pesquisa, os afetos predominantes, apesar de contrastantes, foram explícitos por sentimentos de alegria e paz. A presença do lazer, segundo os resultados da pesquisa, faz com que o bairro seja sentido como bom.

O estudo revelou, então, a predominância da imagem de contraste com uma perspectiva positiva de pertencer e de se apropriar do bairro de moradia. Nesse ponto pode-se pensar que as práticas desportivas têm sim um potencial para provocar vínculos afetivos saudáveis com relação ao bairro. Tal assertiva encontra também fundamentação nos estudos que foram referendados nesta pesquisa e nos próprios resultados aqui apresentado. Ressalte-se, então, a eclosão da imagem de contraste em uma perspectiva positiva, reforçado pela representação de sentimentos e de categorias de afeto que também denotaram uma estima positiva dos jovens esportistas para com o seu bairro de moradia.

O potencial das práticas desportivas como estratégia social, no sentido de melhorar as relações com o local de moradia, diante de uma perspectiva ambiental, necessita de uma maior assistência por parte de vários segmentos de nossa sociedade, através, justamente, do que reforça a prática de esportes em bairros: o lazer e o próprio afeto para com o local de moradia.

Além de organizações não-governamentais, outras instituições podem utilizar o esporte como veículo de melhora da estima ao lugar de moradia, como por exemplo, escolas e igrejas. Não se está fazendo aqui uma apologia ao esporte como única forma de se trabalhar as relações afetivas de jovens, mas está se mostrando que as atividades esportivas não podem ser, por exemplo, limitadas a competições ou trabalhos de cunho grupal que visem à coesão de equipe e a motivação esportiva.

O que pode ser pensado para realização de uma pesquisa posterior mais abrangente seria aumentar a amostra do número de jovens que já tiveram no mínimo dois anos de práticas esportiva contínua. Os jovens desta pesquisa já estavam praticando esporte com esse mesmo período de tempo, mas o número de participantes foi o de uma amostra de tamanho pequeno o que não permitiu a retirada de conclusões para outras populações de jovens que praticam esportes. As conclusões aqui apresentadas são, na realidade, constatações e hipóteses que carecem de verificação aprofundada.

Um dos pontos marcantes na maioria dos mapas afetivos construídos nesta pesquisa foi referente à estrutura dos mesmos, caracterizada por ser cognitiva. Somente o único mapa que denotava imagem de destruição apresentou uma estrutura metafórica. Esse resultado conduz à hipótese de que as imagens de destruição sejam mais deflagradas por desenhos que remetem a metáforas.

O que explica esse fato das estruturas dos desenhos de jovens que praticam esportes serem mais cognitivas que metafóricas seria uma particularidade dos esportes como um todo. Em uma pesquisa realizada por Schurr, Ashley e Joy (1977, *apud* WEINBERG & GOULD, 2001) com dois mil atletas universitários, tanto de esportes coletivos como individuais, identificaram dentre outros pontos, que esses quando comparados com não-atletas exibiam índices altos de objetividade e menos pensamento abstrato.

A pesquisa citada vai de encontro ao que foi exposto nesta pesquisa, ou seja, os jovens que participaram do estudo apresentaram uma tendência ao pensamento mais objetivo que é retratado pela estrutura cognitiva de se prender mais aos dados geográficos e descritivos do local de moradia. Obviamente, essas colocações precisariam de uma pesquisa adequada à realidade brasileira, no entanto, como não foi possível estabelecer essa relação, lançou-se mão destes dados levantados para clarear um pouco mais os resultados identificados.

Nota-se que o potencial das práticas esportivas como instrumento de mudanças no que diz respeito a imagens de destruição, apresenta também um significado positivo em contraste com sentimentos negativos que surgiram nos desenhos. Além disso, as imagens se apresentaram positivas foram diretamente associadas ao esporte. A partir desses dados pode-se pensar como realmente o esporte ou atividades relacionadas a práticas de atividades físicas podem ter impacto positivo nas relações de afetividade do adolescente com seu bairro.

Os jovens que praticam atividades esportivas sistemáticas que participaram deste estudo deixam transparecer que o esporte como um todo tem a possibilidade de levá-los ao lugar mais alto de um pódio, mas, sobretudo, possibilita um lugar melhor de vida, uma relação melhor com seu local de moradia.

Futuros estudos a serem realizados com uma amostra maior de jovens poderão dizer com maior precisão sobre a existência ou não de uma correlação positiva entre a imagem de destruição e a idade de jovens que praticam esporte, bem como demonstrar se as imagens que remetem a uma estima negativa estão mais fortemente presentes em jovens de faixa etária mais elevada.

Em conclusão, o estudo aqui apresentado revelou que o esporte ajuda o jovem a estabelecer bons vínculos com seu ambiente de moradia e possibilita a abertura de horizontes para jovens que praticam esportes. A Psicologia, mais especificamente as reflexões dos estudos de Psicologia Ambiental voltados para a compreensão dos afetos para com o local de moradia e para com outros ambientes, também pode ajudar nesse caminho, nesse desafio de construir novos espaços de lazer e de práticas de esportes que provoquem bem estar nos jovens.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; GONÇALVES, M. Graça M. **Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, T. A. L. (*et al.*). Esporte do Mangue – Democratizando o Esporte e o Lazer para a juventude de Recife. In: FERREIRA, M. P.; MARCELLINO, N. C. (Orgs.). **Brincar, jogar, viver: programa esporte e lazer da cidade**. Governo Federal – Ministério do Esporte: 2007. V. II.

ALMEIDA, M. I.; TRACY, K. M. **Noites nômades**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. **Psicologia Ambiental. Aspectos Conceptuales y Metodológicos** IN: ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. **Psicologia ambiental**. Madrid, Ediciones Pirâmide, S.A. 1998.

ARAGONÉS, J. I. & BURILLO, F. J. **Introducción a la psicología ambiental**. Madrid: Alianza Editorial S. A., 1991.

ARCA. **Associação Recreativa e Esportiva para Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <<http://www.arcafortaleza.org.br>>. Acesso em: 30 maio 2008.

AYATS, Jaume Casamort. Características pedagógicas del deporte in SÁNCHEZ, Domingo Blázquez (Org.). **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. Barcelona: INDE Publicaciones, 1998.

BATISTA, Janice Débora de Alencar; CARVALHO, Suzana Silva. As múltiplas formas de expressão da sociabilidade juvenil. In: DAMASCENO, Maria Nobre; LOPES, Kelma Socorro; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

BECKER JR., B. (Org.). **Manual de psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: NOVAPROVA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Psicologia aplicada à criança no esporte**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

BOMPA, Tudor O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

BONFIM, Zulmira A. Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 2003. 228f. Tese Doutorado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRANDÃO, Maria Regina F.; MACHADO, Afonso A. **Coleção psicologia do esporte e do exercício**: teoria e aplicação. São Paulo: Atheneu, 2007. V. 1.

BURITI, Marcelo de Almeida. História da Psicologia do Esporte. In: BURITI, Marcelo de Almeida (Org.) **Psicologia do esporte**. 2. ed. São Paulo: Alínea, 2001.

CANIATO, Ângela M. P.; TOMANIK, Eduardo A. (Org.). **Compromisso social da psicologia**. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2001.

CASAS, Ferrán. **Desafios atuais da Psicologia na Intervenção Social**. Psicologia e sociedade, v. 17, n. 2, p. 42-49, maio/ago. 2005.

CAÚ, J. N. A. *et al.* Política Nacional da Juventude – arco de esporte e lazer – uma ação compartilhada com a política municipal de esporte e lazer em Recife. In: FERREIRA, M. P.;

MARCELLINO, N. C. (Orgs.). **Brincar, jogar, viver**: programa esporte e lazer da cidade. Governo Federal – Ministério do Esporte, 2007. V. II.

CHIESA, R. F.; CRUZ, E. O. A contribuição das atividades físicas e artísticas na relação adolescência e família. **Psicologia**: teoria e prática, 4 (2), 49-56, 2002.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery. Psicologia e a construção de políticas públicas voltadas à infância e à adolescência. BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

CORRAL – VERDUGO, V. **Psicologia ambiental**: objeto, “realidades” sócio – físicas e visões culturais de interações ambiente – comportamento. Psicologia USP, 16(1/2), 71-87.

CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. In: ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. **Psicologia ambiental**. Madrid, Ediciones Pirâmide, S.A. 1998.

COUTINHO, L. G. (Org.). Ideais e Identificações em adolescentes de Bom Retiro. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, 17(3), 33-39, set./dez. 2005.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da Juventude, encruzilhadas, sonhos e expectativas In: DAMASCENO, Maria Nobre; LOPES, Kelma Socorro; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

DAMICO, J. G. S.; SANTOS, E. S. Lazer e Juventude na Periferia da Cidade de Canoas (RS) In: FERREIRA, M. P.; MARCELLINO, N. C. (Orgs.). **Brincar, jogar, viver: programa esporte e lazer da cidade**. Governo Federal – Ministério do Esporte, 2007. V. II.

DE ROSE JR., Dante. A Psicologia do Esporte e no Esporte: a participação do profissional do esporte e da psicologia. In: RUBIO, Kátia (Org.). **Encontros e Desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DI PIERRO, Carla; SILVA, F. S. Primeiro tempo do Terceiro Setor. Projeto social In: RUBIO, Katia (Org.). **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FREITAS, A. C. *et al.* Futebol participativo. In: FERREIRA, M. P.; MARCELLINO, N. C. (Orgs.). **Brincar, jogar, viver: programa esporte e lazer da cidade**. Governo Federal – Ministério do Esporte, 2007. V. II.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIULIANI, M. V. O Lugar do Apego Nas Relações Pessoa-ambiente. In: TASSARA, E. T. & RABINOVICH, E. & GUEDES, M. C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC. 2004.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LANE, T. M. L. A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano. In: LANE, T. M. L.; SAWAIA, B. B. **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: EDUC, 1994.

LARGURA, Walmor de Almeida N. A formação do psicólogo e a psicologia do esporte. In: DOBRANSZKY, I. de A.; MACHADO, A. A. **Delineamento da psicologia do esporte: evolução e aplicação**. Campinas: Tecnograf, 2000.

LOCUS. **Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental**. Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2007. Edição Fac – similar.

MACHADO, Afonso Antonio. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MATOS, Kelma. Juventude e escola: uma reflexão sobre esse encontro. In: DAMASCENO, Maria Nobre; LOPES, Kelma Socorro; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

MENEZES, Lúcia H. de Paula. Ser adolescente: entrelaçando afetividade, diálogo e grupo cultural de pertencimento. Olhares e trilhas. **Revista de Ensino da Escola de Educação Básica da UFU**, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 61-67, 2003.

MIRA, R. G. **La ciudad percibida**. Una psicología ambiental de los barrios de A Coruña. A Coruña: Universidade da Coruña, 1997.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, D. Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, 25 (1), 70-87, 2005.

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., Dante (Col.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PERTEGAS, S. V. **Análisis de los aspectos simbólicos del espacio urbano**. Perspectivas desde la Psicología Ambiental, Revista de Psicología Universitas Tarraconensis, 18(1), 63-84, 1996.

PIERANTI, O. P.; ALVES, J. A. B. O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE-Eletrônica**, São Paulo, v. 6, n. 1, art. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.rae.com.br/eletronica/>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

PINTO, L. M. S. M. A. Construção da interdisciplinariedade no lazer: experiências políticas da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – MG. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**: o papel das prefeituras. São Paulo: Autores Associados, 1996.

POL, Enric. La apropiación del Espacio in IÑIGUEZ, Lupicínio e POL, Enric (Orgs.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. España: Universidade de Barcelona, 1994.



PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RAMOS, M. V.; INFANTE, Rosana. Formação e Reciclagem de quadras para atuação: O caso de São José dos Campos. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry (Col.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1999.

RUBIO, Katia (Org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SALLES, L. M. F. Infância e Adolescência na Sociedade Contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de psicologia**, Campinas, 22 (1), 33-41, jan./mar. 2005.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, Dietmar Martin. Áreas de atuação da Psicologia do Esporte. In: BRANDÃO, Maria Regina F.; MACHADO, Afonso A. **Coleção psicologia do esporte e do exercício: teoria e aplicação**. São Paulo: Atheneu, 2007. V. 1.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A afetividade como fenômeno ético político e locus da reflexão crítico epistemológica da Psicologia Social**. International Journal of Psychology, 2002.

\_\_\_\_\_. **Por que investigo afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para categoria de Professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC/SP, 2000.

SMOLKA, A. L. B. O. (Im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Cadernos Cedes, ano XX, n. 50, p. 26-40, 2000.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicologia & Sociedade**, v. 14 (2), p.133-147, jul./dez. 2002.

TUBINO, M. J. G. **Esporte e cultura física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

WEINBERG, R. S. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

XIMENES, V. M. Responsabilidade social e ambiental nas empresas – Contribuições da Psicologia Social desde as áreas comunitária, ambiental e organizacional. In: SILVA, M. F. S.; AQUINO, C. A. B. (Orgs). **Psicologia social: desdobramentos e aplicações**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido para participação em pesquisa**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Essa pesquisa intitula-se “*Afetividade de adolescentes da Barra do Ceará praticantes de atividades esportivas*”, ela tem por objetivo investigar a afetividade (sentimentos e emoções) de jovens praticantes de esportes residentes na Barra do Ceará com relação ao seu bairro. Esta pesquisa será importante para o programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

A pesquisa será realizada no seu local e horário de treino, sendo acordado antes com você e o seu professor, para que isso não cause nenhum prejuízo aos treinos. Você deverá responder o instrumento individualmente, o que poderá levar aproximadamente trinta minutos, com material oferecido pelo pesquisador, não havendo nenhum ônus a você. Caso necessário você poderá ser convidado a participar, também, de uma entrevista no decorrer da pesquisa.

Destacamos que a qualquer momento você pode se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. A divulgação das informações contidas nessa pesquisa só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Em caso de dúvida, poderá falar com o(s) responsáveis pela pesquisa, o pesquisador Ricardo Angelo de Andrade Souza, fone 3491-6149 ou dirigir-se à Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bonfim, orientadora da pesquisa, junto ao Centro de Humanidades – Mestrado em Psicologia, Av. da Universidade, 2995, Bairro Benfica, fone 3366-7651.

**ATENÇÃO:** Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará**

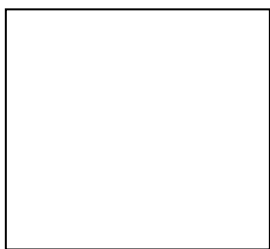
**Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo**

**Telefone: 3366.8338**

## DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Tendo compreendido perfeitamente tudo que foi me informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



Digital do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do profissional que aplicou o TCLE

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador  
Ricardo Angelo de Andrade Souza

## **ANEXO B - Instrumento da pesquisa**

**Bairro em que mora:** \_\_\_\_\_

**1 – Primeiramente, obrigado pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que representa a sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o bairro**

**2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.**

2.1 Explique brevemente o significado que o desenho tem para você:

2.2 Descreva os sentimentos que o desenho lhe desperta:

2.3 Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

1 _____	4 _____
2 _____	5 _____
3 _____	6 _____

**Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre o seu bairro. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.**

**3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre o bairro, o que você diria?**

**4. Se você tivesse que fazer uma comparação do bairro com algo, com que você compararia? Por quê?**

**5. Caso você tivesse que colocar uma nota (de 0 a 10), que nota você colocaria em relação ao seu bairro? Destaque a nota que você poria com um círculo.**

É um bairro maravilhoso, ótimo para se viver	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que gera medo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que teria orgulho de morar	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro com altos e baixos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro com muitos atrativos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro bom de morar	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que não consigo ver nada de bom	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que tem muito a ver comigo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que por dentro é feio é por fora bonito	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que me surpreende a cada dia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro com muitas belezas naturais	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro abandonado	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que não trocaria por nada	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro de orgulho e vergonha para os moradores	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro com muitas opções	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro tranquilo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que tenho desprezo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que comparo com minha própria casa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro de lugares belos e também esquecidos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
É um bairro que tem uma cultura incomparável	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

**6. Descreva o(s) caminho(s) que você percorre com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto). Indique também para que finalidade que você percorre este(s) caminho(s).**

Caminho 1
Caminho 2

**7. Indique o(s) lugar(es) que, para você, represente o seu bairro.**

---



---



**8. O que você gosta neste bairro?**

---

---

---

**9. O que você não gosta neste bairro?**

---

---

---

**10. O que poderia melhorar neste local?**

---

---

---

**12. Dados pessoais:**

12.1 Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

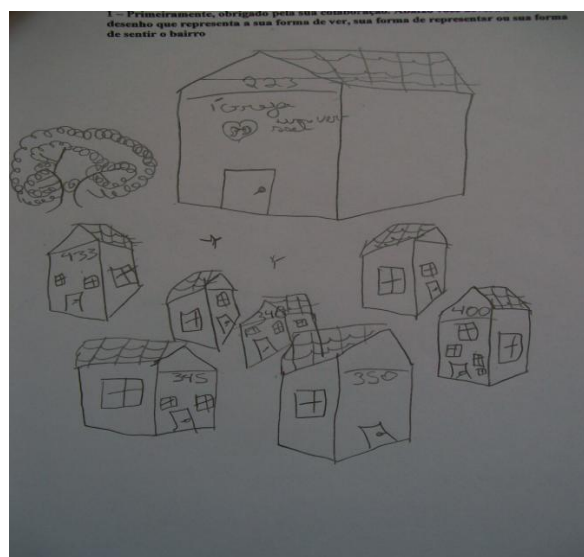
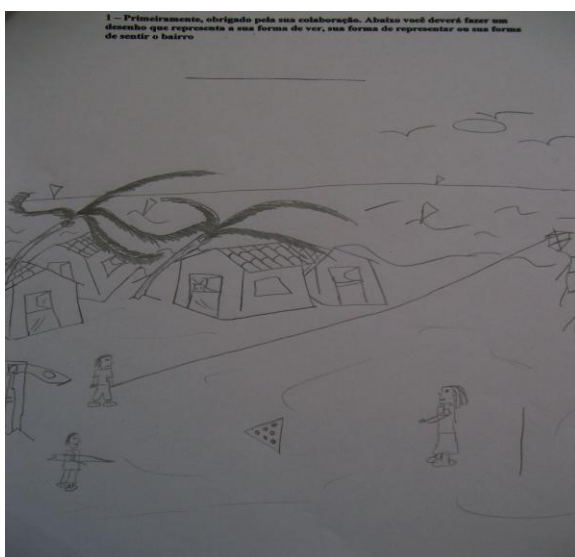
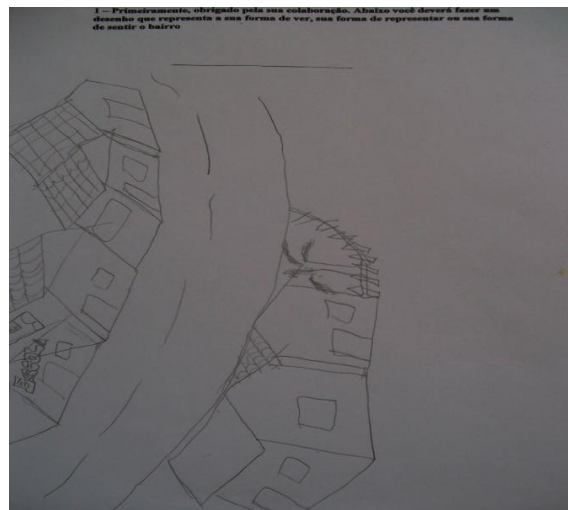
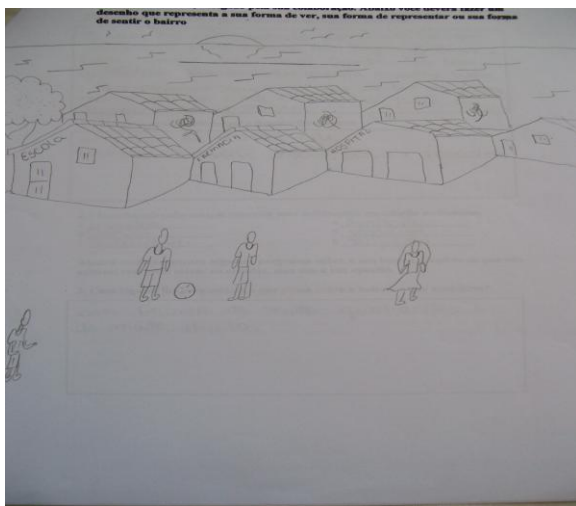
12.2 Idade: \_\_\_\_\_

12.3 Você trabalha? ( ) Sim ( ) Não

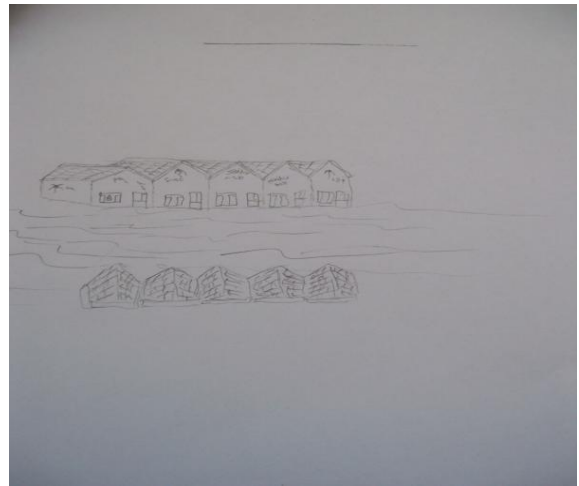
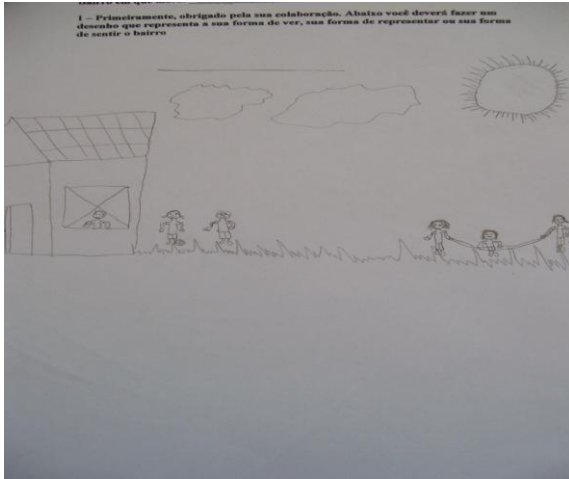
12.4 Em que cidade nasceu? \_\_\_\_\_

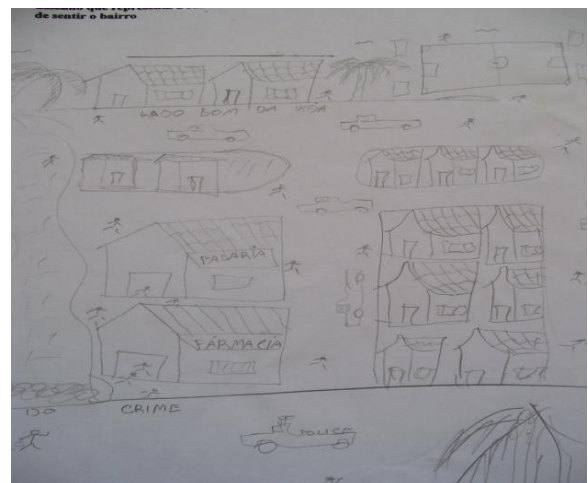
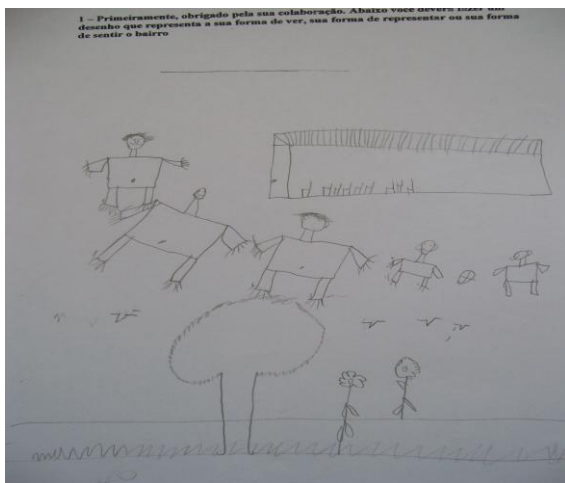
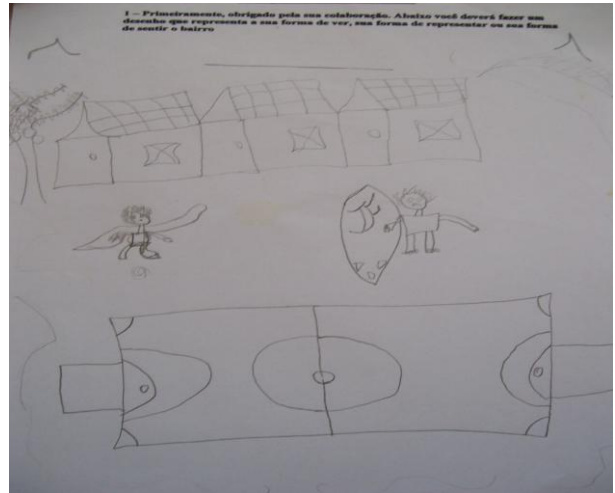
12.5 Há quanto tempo você mora neste bairro?

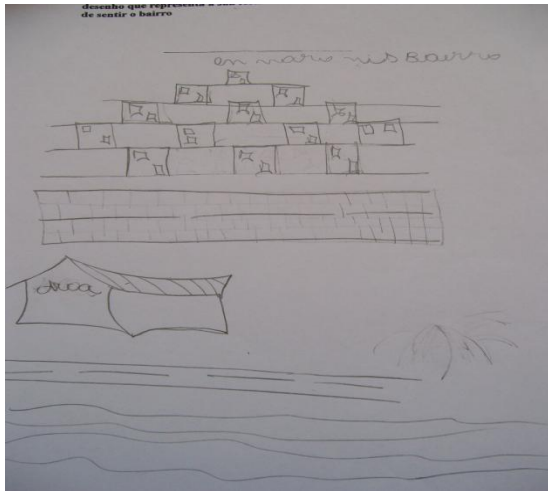
## DESENHOS DOS MAPAS AFETIVOS DOS 19 SUJEITOS ENTREVISTADOS











## MAPAS AFETIVOS DOS 19 SUJEITOS ENTREVISTADOS

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 1 Sexo Feminino Idade: 14 Bairro: Barra do Ceará	Cognitivo.	Descreve locais ricos e pobres; pessoas que querem crescer e outras não.	Bonito, bom, ruim.	Coragem, respeito, orgulho, legal.	Compara com um jornal, onde tem notícias boas e ruins, de pessoas que falam do bairro sem ver o que tem ao seu redor.	O bairro jornal é caracterizado por ter aspectos ruins e bons, pessoas que tem vontade de crescer. Por esses aspectos tem-se uma imagem de <u>contraste</u>

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 2 Sexo masculino Idade: 14 Bairro: Goiaberas	Cognitivo.	Descreve a rua que mora sem muito defeito, mas sem segurança.	Muito lazer.	Liberdade, confiança, orgulho, mudança.	Se fosse comparar, iria comparar com um pássaro.	Percebe-se um sentido de liberdade, assim como um pássaro que pode alcançar novos horizontes. Acha bom, passa orgulho, no entanto reclama da falta de segurança e da violência que existe. Imagem de <u>contraste</u> .

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 3 Sexo masculino Idade: 15	Cognitivo.	Descreve praias e litoral.	Limpo, bonito, bom, alegre.	Felicidade, amor, paz.	Compara com algum esporte.	O bairro proporciona sentimentos de felicidade, alegria e amor o que o faz sentir-se bem no mesmo caracterizando uma imagem de <u>agradabilidade</u> .

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 4 Sexo masculino Idade: 12	Cognitivo.	Um lugar bom de se viver.	Alegre, inseguro; bom de se viver.	Alegria, paz, amor, respeito.	Compararia com alegria de seus moradores e pescadores.	Como a alegria de seus moradores e pescadores lhe traz sentimentos bons percebe-se uma afetividade positiva embora tenha insegurança. Devido a esses fatores antagônicos, aspectos positivos e negativos no bairro tem-se uma imagem de <u>contraste</u> .



Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 5 Sexo masculino Idade: 15	Cognitivo.	O bairro tem violência, mas existe educação e lazer.	Oferece oportunidades .	Emoção, violência, tristeza.	Compara com a vida de seus colegas.	De que o bairro é bom oferece oportunidade assim como a vida de seus colegas que também dá condições para que se possa viver bem; existem sentimentos positivos percebe-se que o esporte seria o gerador desse sentimento quando o mesmo associa o bairro com Havaí e Rio de Janeiro, locais que podem ser possíveis de se conhecer por meio da prática esportiva. Apesar de sentimentos positivos estarem evidentes tem-se em contrapartida afetos negativos associados a violência o que denota uma imagem de <u>contraste</u> .

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 6 Sexo masculino Idade: 13 Bairro: Barra do Ceará	Cognitivo.	Significa bairro bonito, legal e com praias.	Bonito, legal, calmo.	Alegria, felicidade, emoção.	Compara com Rio de Janeiro porque acha parecido por causa de suas riquezas, com suas praias, mulheres etc.	Associa as praias e a beleza do bairro com coisas boas e felicidade, chegando a compara com Rio de Janeiro devido às praias e mulheres. A afetividade presente neste mapa o caracteriza tendo uma imagem de agradabilidade

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 7 Sexo masculino Idade: 14 Bairro: Barra do Ceará 7 meses de ARCA	Cognitivo.	Mostra sua casa; a realidade de seu dia-a-dia e o esporte.	Legal, solidário, calmo.	Amizade, respeito, alegria, amor.	Compararia com um animal, por exemplo um cachorro que as vezes é calmo e alegre, mas as vezes dá muito medo.	Acha o bairro legal, tem momentos de alegria, mas como deixou claro às vezes pode ter características de um cachorro que pode ser instável e, portanto gera sentimentos de medo, no caso do bairro medo que surge pela violência e insegurança. Situa o esporte como fonte de vida, “- O esporte é vida” e vê-se aqui o potencial de práticas esportivas como geradoras de afetividades positivas. Apesar das imagens positiva observa-se também pontos negativos caracterizando o mapa afetivo com uma imagem de <u>contraste</u>

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 8 Sexo masculino Idade: 14 Bairro: Goiaberas 8 meses de ARCA	Cognitivo.	Um mar limpo não muito sujo; pessoas se amando; crianças soltando pipa.	Limpo, violento.	Amor, inveja, medo.	O bairro que mora esta parecendo com o Iraque.	Um bairro onde existem coisas boas e ruins chega a comparar com o Iraque devido a violência.. Devido aos sentimentos dicotômicos entre afetos positivos e negativos tem-se uma imagem de <u>contraste</u> .

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 9 Sexo masculino Idade: 13 Bairro: Colônia 1 ano e meio de ARCA	Cognitivo.	Tem coisas que no bairro fazem com que as pessoas brinquem até tarde.	Alegre, divertido.	Respeito, bom gosto, brincadeira.	Compara com o bairro da “Caivara” porque lá não tem brincadeira, lá só tem muitas gangues e brigas, lá no seu bairro também.	Gosta muito do bairro, pois é divertido e tem muitas brincadeiras , no entanto compara seu bairro com outro que possui violência e se fosse para mudar algo de seu bairro seria exatamente esse fator. Imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 10 Sexo Feminino Idade: 15 Bairro: Jardim Petrópolis 1 ano e meio de ARCA	Cognitivo.	Retrato de seu bairro, mostrando o mar.	Amor humildade união.	Amor, compreensão, cooperação, união.	Compara o bairro com Fernando de Noronha a praia Cacimba do padre porque lá tem ondas iradas e compara a parte da riqueza e pobreza do nosso país.	De que o bairro é bom, gosta de morar nele. Expressa amor pelo mar e surf que é citado na comparação com Fernando de Noronha, suas praias e ondas ideais para a prática do surf. Nesta comparação acrescenta que o bairro também possui um lado rico e outro pobre assim como o país. Estes pólos caracterizam uma imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 11 Sexo masculino Idade: 16 Bairro: Quintino Cunha 4 meses de ARCA	Metafórico	Um bairro que não oferece pracinhas e lazer.	Calmo, harmônico.	Amor, paz, alegria.	Compararia com o céu porque é calmo.	Como o bairro seria um céu, é associado a um lugar calmo, harmônico, no entanto é carente de opções de lazer. Devido a falta de opções de lazer, apesar de ser um local agradável tem-se uma imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 12 Sexo masculino Idade: 17 Bairro: Jardim Petrópolis 2 anos de ARCA	Metafórico	O que acontece no bairro.	Violento, triste.	Ódio, medo, alegria, paz.	Compara com a favela do Rio de Janeiro porque é cheio de ladrão.	Associa com violência principalmente quando compara com favelas do Rio de Janeiro. Embora tenha colocado sentimentos como alegria e paz nota-se uma tendência negativa na imagem retratada, logo se têm umas imagens de destruição.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 13 Sexo Feminino Idade: 14 Bairro: Colônia 1 ano de ARCA	Cognitivo.	Mostra o bairro com pessoas simples e humildes.	Simples, humilde, alegre, movimentado	Alegria, amizade.	Compararia com a Beira - mar porque lá não tem casas tem prédios restaurantes, bem diferente do bairro onde não tem esses luxos.	Sente-se bem no local onde mora, faz amigos. Embora possua afetividade positiva percebe-se na comparação que faz com a beira mar uma imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 14 Sexo masculino Idade: 16 Bairro: Goiaberas 3 meses de ARCA	Cognitivo.	Um campo de futebol e pessoas brincando.	Legal, interessante.	Amizades, legal.	Compara com crack que gera violência.	Os esportes ficam bem evidentes neste mapa afetivo colocando algumas qualidades positivas sobre o bairro sendo justificadas pelos esportes. Compara o bairro, apesar de achar legal, com crack que está associado à violência. Devido aos pontos abordados tem-se uma imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 15 Sexo masculino Idade: 14 Bairro: Goiabeiras 2 anos e meio de ARCA	Cognitivo.	Escola João Correia Lima	Bonito.	Felicidade, alegria.	Compara com pássaro.	Apesar de poucos comentários o desenho e as colocações sugerem uma imagem de agradabilidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 16 Sexo masculino Idade: 16 Bairro: Goiaberas 4 meses de ARCA	Cognitivo.	Mostra um lado bom e um lado ruim de seu bairro.	Tranquilo, movimentado .	Paz, violência, cuidado.	Mesmo o bairro tendo violência compara com o Iraque porque lá só tem guerra e destruição e tem que agradecer por morar no seu bairro.	O bairro tem pontos positivos em contraponto com a violência e assaltos, chega a comparar com o Iraque, mas percebe-se que essa comparação seria mais para diferenciar os tipos de violência, um com guerras, no sentido bélico, e outro com uma violência de cunho social. Imagem de contraste.



Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 17 Sexo masculino Idade: 13 Bairro: Barra do Ceará	Cognitivo.	Retrata seu bairro e lazer.	Divertido.	Paz, amor, tristeza, raiva.	Compara com pássaro.	Associa o bairro com a ONG e lazer; coloca também a tristeza e raiva como sentimentos. Imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 18 Sexo masculino Idade: 14 Bairro: Goiaberas 4 meses de ARCA	Cognitivo.	Que os jovens só pensam em pichar, sujar avenidas; mostra a poluição.	Sujo, poluído, violento.	Violência, corrupção, legal, bom.	Devido à poluição compara com uma rampa de lixo.	Apesar de todos os problemas, violência, corrupção, poluição acha o bairro bom e legal e isso pode ser visto no desenho quando coloca aspectos como lazer, no caso associados com surf e soltar pipa. Imagem de contraste.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 19 Sexo masculino Idade: 16 Bairro:	Cognitivo.	Descreve a polícia, coqueiros, surfistas, praia, casas.	Possui altos e baixos.	Brincadeira, divertido, paisagem, bonito.	Compara com nada.	Apesar de possuir aspectos ruins, enaltece os pontos bons incluindo o surf e futebol, que pode ser visto mais uma vez no desenho. Imagem de contraste.

## MAPAS AFETIVOS DO PRÉ-TESTE

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 94 Sexo masculino Idade: 14	Metafórico	Uma qualidade que todos querem	Está bom, falta lazer.	Vontade, alegria, sente-se bem, falta mais estrutura de esporte.	Lugar bom, contudo falta mais esporte e lazer, gostaria de mais opções.	Imagem de contraste. Sabe que o bairro tem coisas negativas, contudo gostaria que houvesse lazer com atividades esportivas.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 52 Sexo: masculino Idade: 14	Metafórico	Tem coisas boas, mas tem ainda coisas ruins.	Alegre, feliz, infeliz, descontente.	Tristeza porque tinha que ser melhor.	Embora tenha coisas ruins, percebe que existem coisas boas.	Imagem de contraste; Contrapõe aspectos negativos com positivos. Coloca entre os pontos positivos quadra de esportes

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 56 Sexo: feminino Idade: 15	Cognitivo	Perigoso, muitos carros; que é muito ruim para os moradores.	Sem segurança; a praça é boa tem campo.	Existe um lado bom; tem insegurança nas ruas, mas as praças, o campo e a escola são bons.	As ruas movimentadas faltando estrutura tornam o bairro ruim.	Imagens de contraste; coloca a além da escola, praças, o esporte, o campo como aspectos positivos.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 62 Sexo: feminino Idade: 16	Metafórico	Coisas boas associadas com aspectos negativos	Alegria, felicidade e tristeza.	Em alguns momentos aspectos positivos, mas em outros às vezes é ruim	Aspectos positivos associados ao lazer, contrapondo-se com aspectos negativos.	Imagem de contraste; coloca quadras e piscina como pontos positivos.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 66 Sexo: masculino Idade: 15	metafórico	Falta de apoio por parte da prefeitura, situação precária.	Tristeza, ridículo.	Desprezo por todos e desânimo ao andar pelas ruas.	Falta de estrutura torna a cidade feia e triste.	Imagem de destruição; coloca a quadra de esportes como uma experiência positiva.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 70 Sexo: masculino Idade: 14	metafórico	Muito violento, inseguro.	Qualidades associadas à violência.	Não consegue ver nada de bom, tem muita violência.	Sente-se inseguro; medo de assaltos.	Imagem de destruição; Coloca o esporte como aspecto positivo.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 72 Sexo: masculino Idade: 14	metafórica	Desigualdade social, violência, falta de segurança.	Desprezo, bairro abandonado, insegurança.	Abandono por parte do governo, insegurança.	Bairro abandonado, passando insegurança.	Imagem de destruição; Coloca o esporte e a quadra como aspectos positivos

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 73 Sexo: feminino Idade: 13	Metafórico	Significando crianças se divertindo numa praça bem calma.	Acha legal, tem admiração, coragem, pena, angústia.	Acha legal embora sinta insegurança pela violência.	Acha legal; associa o bairro com os amigos e diversão.	Imagem de agradabilidade; coloca o campo de futebol como imagem representativa do bairro.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
No. 75 Sexo: feminino Idade: 16	Metafórica	Acha o bairro bonito e divertido.	Bairro bastante agradável; existem também vários problemas como insegurança.	Diversão, paz, tranqüilidade e também medo e insegurança.	Bairro bom, mas por conta dos assaltos ela está perdendo o lado positivo.	Imagem de agradabilidade; vê o bairro de forma positiva, colocando nos desenhos um campo de futebol associado com algo bom e positivo.